

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

HALBERTINA ROECKER WIGGERS

**CONCEITOS E PRECONCEITOS NA PERSPECTIVA DA ARTE
CONTEMPORÂNEA**

CRICIÚMA, JUNHO DE 2012

HALBERTINA ROECKER WIGGERS

**CONCEITOS E PRECONCEITOS NA PERSPECTIVA DA ARTE
CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Edite Volpato Fernandes

CRICIÚMA JUNHO DE 2012

HALBERTINA ROECKER WIGGERS

**CONCEITOS E PRECONCEITOS NA PERSPECTIVA DA ARTE
CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Fundamentos da Arte.

Criciúma, 27 de junho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Edite Volpato Fernandes - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof.^a Aurélia Regina de Souza Honorato - Mestre - (UNESC)

Prof. Marcelo Feldhaus - Especialista - (UNESC)

Dedico este trabalho a meus pais, Valmiro Wiggers e Edite Roecker Wiggers, por todas as oportunidades proporcionadas. Dedico também a meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e colaborando de alguma maneira para que este trabalho fosse realizado.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de primeiramente agradecer a Deus, por colocar em meu caminho pessoas maravilhosas durante todos estes anos.

Agradecimentos mais que especiais à meus pais e avós, pela dedicação, pelos valores transmitidos, pela educação, aprendizado e tempo dedicados.

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio e compreensão, em especial aos que disponibilizaram seu tempo para contribuir com esta pesquisa.

Aos colegas de curso que, ao longo destes quatro anos, se tornaram pessoas inesquecíveis. Em especial agradeço ao apoio e companheirismo de Cíntia Pereira da Cunha, Glauco Uliano, Simone Netto e Maria Angelina ten Caten. Pessoas especiais que sempre irei levar comigo.

Agradeço também a todos os professores do curso de Artes Visuais, pelo conhecimento e sabedoria compartilhados comigo e tantos outros alunos que por aqui passaram. Em especial a minha orientadora Edite Volpato Fernandes, pela dedicação, paciência e tempo doados para que a realização desta pesquisa se tornasse algo concreto.

Agradeço a todos que, de forma direta ou não, colaboraram para que este trabalho fosse realizado. Muito Obrigada!

“[...] em toda obra de arte se deve considerar em primeiro lugar a própria ideia da obra, seu fim prático, e em segundo lugar a execução: os EFEITOS antes dos *meios*; o CONTEÚDO antes do *contínente*; o PENSAMENTO antes da sua REALIZAÇÃO.”

Pierre Joseph Proudhon

RESUMO

A arte contemporânea, por seu modo de manifestação pluralista, é vista por muitos como algo estranho e sem sentido. Esta relação entre a arte e seu público encontra-se hoje em uma condição de estranhamento por diversos fatores, muitos destes, envolvendo o passado da arte, que apresentou um padrão tido, durante muito tempo, como universal para representação artística. Além disso, a falta de contato com a arte e a dificuldade de compreensão das obras no período das vanguardas, afastou o público das galerias e isto se refletiu no mundo contemporâneo, ocasionando inúmeras dificuldades para a compreensão e aceitação da arte. É possível notar ainda, ligações feitas, pelo público, entre a arte e o que é aparentemente belo, desconsiderando o que é desagradável aos olhos como sendo arte. Esta pesquisa, então, apresenta a intenção de compreender se: é possível que jovens desprovidos de experiências com a arte contemporânea e convidados a interagir em um processo de produção artística, venham a ser sensibilizados e desconstruir seus preconceitos com relação a ela? Caracteriza-se como exploratória, do ponto de vista de seus objetivos, buscando possibilitar, através da concepção e desenvolvimento de uma instalação, o conhecimento e compreensão da arte contemporânea, a partir de experiências que afetem os conceitos e preconceitos sobre arte. Possui abordagem qualitativa, seguindo a linha de pesquisa de fundamentos da arte, do curso de Artes Visuais da UNESC. A base teórica da pesquisa é bibliográfica, contando com o auxílio de uma pesquisa de campo, onde esta proporciona percepções acerca do real, afirmando práticas teóricas na realidade na qual se desenvolveu a pesquisa. A fundamentação e o campo serviram como alicerce para o desenvolvimento e realização da produção artística contemporânea "Ressignificando Valores", além de contribuir para percepções que auxiliaram no esclarecimento do problema e no alcance dos objetivos propostos para a realização da mesma. Foi possível, ainda, entender que o conhecimento é algo necessário para possibilitar a compreensão da arte no mundo contemporâneo, como também é indispensável para que exista uma resignificação de valores, ideias e conceitos de arte.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Público. Estética. Experiência Estética.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeiros esboços.....	46
Figura 2 - Esboço para a instalação.....	47
Figura 3 - Montagem do projeto.....	47
Figura 4 - Projeto montado.....	47
Figura 5 - Teste de corte.....	48
Figura 6 - Pintura em tela utilizada.....	48
Figura 7 - Imagem do corte da tela.....	49
Figura 8 - Tela cortada.....	49
Figura 9 - Suporte de madeira para fixar os ferros.....	50
Figura 10 - Fixação das dobradiças.....	50
Figura 11 - Corte dos ferros.....	50
Figura 12 - Suporte móvel.....	50
Figura 13 - Limpeza.....	51
Figura 14 - Entortando os ferros.....	51
Figura 15 - Suporte móvel e tela.....	51
Figura 16 - Tela montada.....	51
Figura 17 - Produção na exposição.....	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação de respostas referentes à questão cinco.....	36
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMUREL	Associação de Municípios da Região de Laguna
d.C	Depois de Cristo
SC	Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES NEM SEMPRE SÃO AS QUE FICAM	11
2 ARTE CONTEMPORÂNEA	14
2.1 PÚBLICO COMO FRUIDOR DE ARTE.....	18
3 ESTÉTICA, EXPERIÊNCIA E FRUIÇÃO	22
3.1 BELO E FEIO NA ARTE, UMA IDEIA A SER DESCONSTRUÍDA.....	25
4 METODOLOGIA	28
5 DESENVOLVER DA PESQUISA DE CAMPO: QUESTIONÁRIOS, VÍDEOS E AÇÃO PERFORMÁTICA	31
5.1 CONCEITOS E PRECONCEITOS SOBRE ARTE	31
5.2 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS VÍDEOS	37
5.3 CONCEITOS, PRECONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE A INSTALAÇÃO	38
6 PROCESSO CRIADOR: RASGANDO OS PRECONCEITOS	45
6.1 RESSIGNIFICANDO VALORES: O CONCEITO.....	53
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	60
APÊNDICE(S)	61
APÊNDICE A – PRIMEIRO QUESTIONÁRIO	62
APÊNDICE B – SEGUNDO QUESTIONÁRIO	67
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO	69

1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES NEM SEMPRE SÃO AS QUE FICAM

Desde muito cedo tive interesse pela arte, gostava muito de desenhar, de tintas, canetas, papéis e lápis coloridos. Por este motivo, tinha o desejo de cursar algo que tivesse relação à área das artes quando chegasse a hora. Em 2008, ao prestar vestibular, não tive dúvidas de que o curso a escolher seria o de artes e como a UNESC é a instituição de ensino mais próxima, foi a escolhida.

Ao ingressar no curso de Artes Visuais – Bacharelado e durante todo ele, sempre me identifiquei com disciplinas que tratavam da parte teórica da arte. Como tive pouco contato com a arte antes de ingressar na faculdade, meu interesse se focou em leituras, pois poderia me aprofundar em assuntos que a englobassem. Através destas leituras pude conhecer um pouco mais sobre a arte e arte contemporânea. No início, tive resistência quanto à aceitação da arte contemporânea como arte, pois esta era totalmente estranha para mim, mas aos poucos este estranhamento foi se tornando distante devido ao conhecimento que obtive ao longo do tempo. Apesar de, ainda existir pontos incômodos para mim na arte contemporânea, acredito que isto é algo que possa vencer com o aprofundamento do conhecimento.

Assim como minha inicial visão sobre arte contemporânea pude perceber, em conversas que tive ao longo do tempo com pessoas de meu convívio, que eu não era a única que, em um primeiro momento, tive este estranhamento. As pessoas com quem conversava também a estranhavam e possuíam a mesma primeira impressão com relação à arte contemporânea. Dado este fato, tentei por diversas vezes, argumentar com estas pessoas a fim de conseguir fazer com que elas mudassem seus conceitos, como eu também mudei os meus, mas na maioria das vezes não obtive sucesso. Existia certa resistência delas com relação a este assunto. Foi a partir daí que notei a necessidade de um esclarecimento para estas e tantas outras pessoas, onde algum conhecimento era necessário para que passassem a ver com outros olhos a arte contemporânea.

Isto acabou por se tornar o ponto de partida para que meu interesse por uma pesquisa, abrangendo experiências estéticas e conceitos de arte, se iniciasse, pois pude perceber que além de tudo, existia uma falta de conhecimento sobre a arte no geral, mas principalmente sobre arte contemporânea. Tudo isso, juntando

com as classificações de *feias*¹ ou *absurdas*², dadas por estas pessoas para a arte contemporânea, foram pontos que se tornaram incômodos para mim e que me despertaram interesse para compreender os porquês destas reações serem tão fortes. Os porquês de muitos fazerem a ligação entre o que é aparentemente feio com o que não é arte e o que é aparentemente belo com o que é arte? Além de procurar compreender também: qual a influência do contexto social sobre opiniões formadas acerca da arte? O estatuto de obra-prima interfere na aceitação da arte contemporânea?, apontando os porquês, almejei ainda pesquisar: se o pouco contato com a arte contemporânea pode interferir na falta de compreensão sobre ela? Para que tudo isto pudesse me auxiliar no desenvolvimento da pesquisa e me ajudar a produzir uma instalação que possibilite a desconstrução de conceitos de arte por pessoas que não possuem conhecimentos relativos a ela.

Foi necessário um levantamento detalhado sobre todos estes pontos, para que estes me auxiliassem no esclarecimento do problema que impulsionou toda a pesquisa, onde me propus a compreender se: é possível que jovens desprovidos de experiências com a arte contemporânea e convidados a interagir em um processo de produção artística, venham a ser sensibilizados e desconstruir seus preconceitos com relação a ela? Também objetivando possibilitar que possam compreender que a arte não se preocupa mais com a cópia do real, mas que busca nele referência, para que possa despertar nossos sentimentos e emoções.

Deste modo, a pesquisa se ramifica em sete capítulos para que consiga compreender todas as questões que a movem, sendo este o primeiro capítulo, que corresponde à introdução. Já o segundo capítulo se desdobra em um aprofundamento sobre arte, contextualizando-a desde seu início até a contemporaneidade, apontando quais as relações que esta estabeleceu com seu público durante todo seu acontecimento. Este é seguido pelo terceiro capítulo, que traz questões sobre estética, experiência e fruição juntamente com questões entre belo e feio, que envolveram e envolvem a arte, de alguma maneira, ainda hoje.

Com relação à metodologia aplicada e a estrutura da pesquisa, estas se apresentam no quarto capítulo, tendo como sequência o quinto, que traz análises referentes a toda a experiência promovida pela pesquisa de campo. Seguido pelo sexto capítulo que relata todo o processo de criação artística da instalação,

¹ Uma das palavras usadas por pessoas de meu convívio para descrever a arte contemporânea.

² Outra forma usada por pessoas de meu convívio para a descrição da arte contemporânea.

Ressignificando Valores.

O sétimo e último capítulo apresenta as considerações finais e os resultados da pesquisa, que teve como intenção possibilitar, através da concepção e desenvolvimento de uma instalação, o conhecimento e compreensão da arte contemporânea, a partir de experiências que afetem os conceitos e preconceitos sobre arte. A intenção é desconstruir antigas ideias de arte e proporcionar um esclarecimento sobre arte contemporânea, conceitos e preconceitos³ que prevalecem ainda hoje, no ano de 2012, com relação a ela. Enfatizar ainda que a arte mudou e que se encontra de diversas formas, onde não estabelece mais o contato com o público baseado apenas na mera apreciação de sua imagem, pois “O que quer que seja a arte, ela não é basicamente algo para ser visto. Para ser olhado fixamente, talvez, mas não basicamente para ser visto.” (DANTO, 2006, p. 20).

Almejo ainda, que esta pesquisa se torne esclarecedora para diversas pessoas, estudantes e admiradores da arte que, assim como eu, possuem inquietudes, que estes encontrem nela incentivo para direcionarem seus pensamentos e desejos. A pesquisa possui grande importância para mim, pois como estudante de arte, espero que as pessoas revejam antigas ideias que fazem sobre ela e que, a partir disso, possam dar o devido valor a arte e a seu papel na sociedade, pois segundo Peixoto (2003), compete à ela representar a sociedade e todo o desenvolvimento que esta sofreu, durante todo tempo.

³ Segundo definição do dicionário escolar de língua portuguesa, Michaelis (2008, p. 688), a palavra preconceito diz respeito à “[...] 1 Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados. 2 Superstição que obriga a certos atos ou impede que eles se pratiquem.” A palavra preconceito se refere à atitude de julgar algo ou alguém sem conhecimentos prévios sobre o que se fala. O preconceito surge por crenças que não foram deixadas de lado ou por falta de conhecimento sobre determinado assunto. Os indivíduos possuem uma opinião formada acerca de algo e são incapazes de aceitarem outro tipo de opinião, se mostrando desfavoráveis a qualquer nova ideia que lhes for apresentada. Na arte isto não se mostra diferente, muitos se acostumaram com o estilo clássico das obras, tendo sua opinião formada acerca do que seja arte e pré julgam a arte contemporânea, por não serem capazes de se afastarem do conceito que a arte estabeleceu durante muito tempo. Na maioria das vezes usam velhas opiniões, sem deixarem que novas entrem, demonstrando preconceito com a arte de seu tempo.

2 ARTE CONTEMPORÂNEA

O ser humano produzia arte desde quando ela ainda não era assim denominada e já na pré-história “[...] aparecem as primeiras manifestações artísticas, com imagens desenhadas nas paredes das cavernas, representando cenas de caça.” (BATTISTONI FILHO, 1989, p.16). Nesta época, segundo Battistoni Filho “O homem vivia dominado pela crença dos poderes mágicos. Para garantir a captura de animais, ele representava a caça ferida por flechas, fechada em cercados ou presa em armadilhas.” (1989, p. 19). Estes desenhos feitos nas paredes tinham como finalidade apresentar demarcações de território e a conquista de animais, mas estas pessoas não possuíam a compreensão de que fosse arte. O historiador de arte alemão Hans Belting, certa vez, publicou um livro em que falava sobre a história das imagens entre o final do império romano até 1.400 d.C., onde dizia que as imagens daquele período não buscavam o sentido de ser arte, pois

[...] o conceito de arte ainda não havia surgido de fato na consciência geral, e essas imagens – ícones, realmente – desempenhavam na vida das pessoas um papel bem diferente daquele que as obras de arte vieram a ter quando o conceito finalmente emergiu de alguma coisa como considerações estéticas começaram a governar nossas relações com elas. (DANTO, 2006, p. 4).

As imagens, antes e depois de se tornarem arte, nunca deixaram de ser ícones e eram assim tratadas. Representaram algo na vida das pessoas que as cercavam. Por muito tempo foram imagens veneradas por muitas pessoas, miraculosas, como a imagem de Jesus Cristo. Mas é certo que o sentido que estas imagens desempenharam na vida das pessoas era muito diferente do sentido que a arte implantou depois que passou a ser assim considerada.

Com o passar do tempo a arte foi se transformando, passou por diversos períodos da história e recebeu características diferentes, mas, apesar de muitos saberem identificar uma obra de arte, sempre foi difícil encontrar definições específicas para ela. Segundo Battistoni Filho (1989, p. 9) “Nenhuma definição conseguiu e talvez jamais consiga sintetizar este complexo fenômeno espiritual ao mesmo tempo.” Foi assim com diversos períodos artísticos e continua sendo também com relação à arte contemporânea, que se encontra de várias formas e tamanhos, não possui limites para a criação e os possíveis limites que ainda

existem, ela trata de eliminar. A arte contemporânea desconstruiu o paradigma de ser, somente arte, aquela classificada como obra-prima, encontrada em museus. Ela sai de ambientes fechados e passa a encontrar seu lugar nas ruas, nas casas e vidas das pessoas. Ela não é apenas a mera representação do real e não procura ser somente entendida, mas sim sentida. Por isso é que podemos dizer que o sistema que envolve o universo da arte contemporânea, “[...] não é mais o sistema que prevaleceu até recentemente; ele é o produto de uma alteração de estrutura de tal ordem que não se podem mais julgar nem obras nem a produção delas de acordo com o antigo sistema.” (CAUQUELIN, 2005, p.15).

A arte contemporânea, por não adotar mais padrões estéticos existentes e já estabelecidos no passado, não pode mais ser julgada por eles, pois o seu modo de concepção e de apreciação é completamente diferente do academicismo, por exemplo, que segue padrões estéticos estabelecidos por academias, que ditavam como a obra deveria ser, para que esta pudesse ser considerada arte. Ela adota um sistema diferente desta época e de qualquer outra, por este motivo é que não pode ser avaliada da mesma forma que as atividades artísticas que precedem a ela, do mesmo modo que não se pode dizer que aquelas manifestações de arte são mais verdadeiras que as de agora, ou vice-versa, pois “[...] não existe uma arte mais verdadeira do que outras, bem como não há uma única forma que a arte necessariamente deva assumir: toda arte é igual e indiferentemente arte.” (DANTO, 2006, p. 38).

A inovação na arte, a procura do novo e a recusa do passado tem início na arte moderna e não se pode falar em arte contemporânea sem, pelo menos citar o período que a antecede. Mas é importante ressaltar que estes dois períodos não compreendem o mesmo tempo e que a arte moderna tendia ao formalismo, diferenciando-se assim da arte contemporânea que,

[...] de modo inverso e na contramão dessa tendência, esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. (COCCHIARALE, 2007, p. 16).

A arte, depois do modernismo, busca referência não só no desenho, na pintura ou na escultura, mas em todas as outras áreas que compreendem o campo artístico, como a música, o teatro, a dança, além de poder dizer que ela “[...] penetra

as questões cotidianas, espelhando e refletindo exatamente aquilo que diz respeito à vida.” (CANTON, 2009, p. 35). Retrata acontecimentos que marque o dia-a-dia das pessoas, que façam parte do universo da vida social e pessoal delas, onde o ser humano não possui uma individualidade definida, e sim várias formas de manifestações diferentes de seu *eu*⁴, se mostrando ramificado. Tais efeitos acabam transparecendo também na arte, pois está ramificada em diversos meios de produções artísticas, segundo aponta Cocchiarale (2007), tornando assim uma definição para ela impossível. Não podemos definir a arte contemporânea em palavras, apenas apontar algumas de suas características, pois ela possui diversas maneiras de apresentação e concepção, onde procura ser sentida e proporciona um contato mais íntimo com quem a aprecia.

Para Freire (2006, p. 35) “[...] a obra é realizada duas vezes: primeiro pelo artista, depois pelo observador.” O artista é o produtor, produz a obra e junto com ela estabelece uma mensagem, que deve ser captada por quem a observa, tornando-se *completa*⁵ somente após acontecer esta relação. Se não existir um público, a obra perde o sentido e como este compreende um campo muito vasto de pessoas, as interpretações de uma mesma produção artística podem ser dadas de várias maneiras, pois tudo dependerá de quem a observa, de sua vivência pessoal, seu conhecimento e cultura.

O “[...] mundo contemporâneo reflete a construção de uma realidade um tanto diferente da que existia há algumas décadas.” (CAUQUELIN, 2005, p. 81). Essa realidade abandona diversos padrões e critérios obrigatórios em outras épocas nas obras de arte, mas que na contemporaneidade já não são mais usados. A arte contemporânea permite apreciação de objetos que, em ambientes comuns, não possuem outros fins além dos práticos, porque nela tudo se torna possível e viável e a prova disso é a arte de Duchamp⁶, considerado um dos precursores das

⁴ O termo *eu* refere-se às várias personalidades que uma pessoa pode apresentar no decorrer de sua vida ou expressar no decorrer de seus dias, como se estivessem incorporando vários personagens diferentes ao longo da vida.

⁵ No sentido de ter atingido seu objetivo, pois toda obra de arte é passível de mudança, mesmo após sua concretude.

⁶ Henri-Robert-Marcel Duchamp contribuiu para o desenvolvimento de vários períodos da arte e na arte contemporânea é muito referenciado. Foi o criador do termo ready-made, onde este é “[...] encontrado por acaso, escolhido e reservado, *indica o estado da arte em um momento determinado*. [...] Em nenhum caso é uma obra à parte, uma obra em si dotada de valor estético; é um indicador, um signo dentro de um sistema sintático.” (CAUQUELIN, 2005, p. 96). Para ele os ready-mades são objetos, encontrados ao acaso, que fazem a ligação entre a ideia da obra e seu observador, sem nem mesmo ter valor estético.

tendências contemporâneas, fazendo uso de objetos vindos de nosso cotidiano, objetos banais, presentes para suprimir algumas de nossas necessidades, mas que em suas mãos viraram *obras* de arte. Agora

[...] os artistas, liberados do peso da história, ficavam livres para fazer arte da maneira que desejassem, para quaisquer finalidades que desejassem ou mesmo sem nenhuma finalidade. Essa é a marca da arte contemporânea [...] (DANTO, 2006, p. 18).

Os artistas contemporâneos podem fazer arte livremente, da maneira que acharem melhor, apropriando-se de objetos já existentes, já fabricados, e lhes dando um novo sentido ou simplesmente, sem objeto algum. Não precisam necessariamente criar algo substancialmente novo para este vir a ser arte, pois:

Em relação à obra, ela pode então ser qualquer coisa, mas numa hora determinada, o valor mudou de lugar: está agora relacionado ao lugar e ao tempo, desertou o próprio objeto. A divisão entre estética e arte se faz em benefício de uma esfera delimitada como palco, onde o que está sendo mostrado é arte. (CAUQUELIN, 2005, p. 94).

Se antes o valor de uma obra estava muito mais nela própria do que no local onde se encontrava, agora seu valor está mais relacionado ao local, ao espaço no tempo em que será exposta, do que no próprio objeto a ser exposto. A arte contemporânea, além de permitir que *qualquer objeto se torne obra de arte*⁷, também permite que o local de exposição destes objetos saia de galerias e museus, se assim for preciso. O valor da arte está agora relacionado não só ao objeto, como também ao local que servirá de exposição para aquela produção, sendo que muitas vezes o local que completará o sentido da obra, modificando-a separadamente.

No vídeo de Geraldo Santos (1999), intitulado *Isto é arte?*, Celso Favareto afirma sobre arte contemporânea, que a hora em que você adentrar este grande campo da arte vai perceber que ele abriga experimentações das mais variadas às mais diversas. Mostra assim que a arte contemporânea permite experimentações que se apresentam diferentes até dado momento, além de dispor de uma diversidade de materiais, formas e objetos. Ela ainda permite liberdade na hora da produção e concepção pelo público fruidor. “A arte contemporânea é por demais pluralista em intenção e realização para se permitir ser apreendida em uma única dimensão [...]” (DANTO, 2006, p. 20). Ela existe e acontece de diversas maneiras,

⁷ Desde que este apresente um sentido e esteja dentro da proposta do artista.

tanto para o artista como para quem a observa, sendo ainda mais difícil encontrarem uma definição que possa compreender este enorme campo que é a arte contemporânea.

2.1 PÚBLICO COMO FRUIDOR DE ARTE

Quando existe um público direcionado com o objetivo de apreciar obras de arte, este pode ser chamado de espectador, receptor, percebedor⁸ ou fruidor de arte. Marcel Duchamp (1986, apud SALLES 2009, p. 50) refere-se a este público como receptor, dizendo que ele

[...] estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. Isto torna-se ainda mais óbvio quando a posterioridade dá o seu veredicto final e, às vezes, reabilita artistas esquecidos.

Afirma-se então que a obra sempre necessitou e vai continuar precisando de um público e que este tem como função, não apenas a observação, mas a tarefa de estabelecer relações entre a obra e o mundo em que vive, se tornando parte ativa dela. Pode até trazer para ao presente, artistas que se encontram no passado, como por exemplo, em releituras de obras já consagradas que imediatamente levam o público que a conhece, a fazer ligações entre a obra que está observando e o artista ou obra em que esta foi baseada.

Para que esta relação possa acontecer é preciso, primeiramente, que exista um público, que foi, durante muito tempo, caracterizado por pessoas poderosas, que tratavam a arte como mercadorias e encomendas. Peixoto (2003) relata que as relações que a arte estabeleceu com seu público no decorrer da história, foram se diferenciando conforme suas funções em cada civilização, período ou momento histórico datado, mas que, de alguma forma, sempre esteve vinculada ao poder. Esteve durante muito tempo, ligada à igreja, às classes nobres consideradas dominantes e ao poder político, excluindo as massas populares do contato com as obras de arte porque “As massas populares sequer tomavam conhecimento da existência de tais obras ou apreciavam-nas de modo inadequado

⁸ Brian O’Doherty (2002) utiliza esta palavra se referindo ao público apreciador de arte, pois agora ele caminha pelas galerias e museus percebendo o que lhe é posto à experimentação.

[...]” (HAUSER, 1995, p. 320). Para esta grande maioria da população, obras de arte eram objetos estranhos, não conheciam sua finalidade ou existência, eram excluídas deste contato por serem destinadas apenas as pessoas com certo acúmulo de dinheiro, então, quando se deparavam com elas, interpretavam-nas de forma inadequada, não as vendo como objetos artísticos.

Com a exploração do comércio para além do mar, surge a apropriação colonialista de objetos de outras culturas, gerando o acúmulo deles, o que conseqüentemente fez surgir a necessidade de um local para que estes objetos fossem expostos e vendidos. A partir deste momento surgem alguns museus e galerias, que acabam por distanciar ainda mais o público em geral do acesso a estes objetos. (PEIXOTO, 2003). Estes locais fechados, abrigos da arte, criaram uma barreira ainda mais forte entre a arte e o grande público, continuando a restringir o acesso apenas às pessoas detentoras de poder, sendo também consideradas únicas possuidoras de preparo intelectual para a apreciação de obras de arte.

Deste modo, originou-se um “[...] abismo intransponível entre minoria educada e uma maioria carente de educação, abismo que atingia agora proporções nunca vistas e iria ser um fator decisivo em todo o futuro desenvolvimento da arte.” (HAUSER, 1995, p. 320-321). Como a arte era destinada para um grupo seletivo de pessoas e que continha menor número, surgiu um distanciamento ainda maior entre ela e a maior parte da população, que continuou sem conhecimento sobre obras de arte. Este *abismo*⁹ se tornou fator decisivo para períodos posteriores, onde a arte se libertou de certos padrões estabelecidos nestas épocas por marchands e passou a ser estendida a todo e qualquer público.

A partir do momento de liberação para além dos poderes das classes dominantes, o entendimento da arte que se apresenta “[...] para a maioria das pessoas, é uma pintura, um desenho ou uma escultura, autêntica e única [...]” (FREIRE, 2006, p. 07). Assim, estas formas acabaram se sacralizando como únicas maneiras de concepções e apresentação de arte para seu público, tornando períodos como os de vanguarda, onde a arte e os artistas buscaram maior liberdade de criação, carentes de público em galerias e museus. “A disseminação, a explosão em múltiplas galerias e a abundância de manifestações desencorajam em vez de aumentar o público.” (CAUQUELIN, 2005, p. 51). Diante destas muitas formas de

⁹ Refere-se ao distanciamento existente entre arte e público.

manifestações de arte diferentes das que estavam acostumados a observar, o público, desprovido historicamente de conhecimento, não se sentia capaz de entender e acabou se afastando ainda mais do contato com a arte e também recusando-a.

O público mantinha-se fiel às manifestações de arte clássica, guiadas pelas normas, mostrando sua falta de conhecimento e experiência sobre o seu desenvolvimento, considerando como arte, apenas as produções

[...] que possuem formas consagradas de estabelecer esse pacto com o público, através do qual ele se coloca na disponibilidade adequada para a fruição estética, mas o mesmo não se pode dizer dos novos gêneros artísticos. (COSTA, 1999, p. 102).

Já as manifestações contemporâneas muitas vezes passam despercebidas aos olhos do público por se apresentarem de forma diferenciada e com novos modos de exposição. Mas este estranhamento, esta recusa da arte a partir das vanguardas, para Danto (2006), pode acontecer pelo simples fato de as pessoas não prestarem a devida atenção ao momento em que vivem. Quando Warhol apresentou na mostra realizada em Stable Gallery em 1964 suas esculturas de Brilho Box¹⁰, muitos dos que presenciavam e viviam a época disseram que aquilo não era verdadeiramente arte.

Muitas pessoas, hoje, não conseguem estabelecer contato com a arte contemporânea, onde “Os sentidos [...] não estão prontos, mas se configuram no acontecimento, isto é, na construção das múltiplas relações que acontecem entre a obra e o observador.” (CANTON, 2009, p. 51). Não conseguem compreender que a arte contemporânea precisa manter contato com o público e que especialmente existe na construção de relações existentes entre os dois, onde cada um fará uma leitura que dependerá de sua vivência, “[...] toda experiência anterior, fruto de determinações históricas e sociais, está atuante no momento do prazer estético.” (PEIXOTO, 2003, p. 88).

A arte contemporânea procura estabelecer uma relação, onde o público fruidor deve se desprender da própria forma da arte e passar a relacionar o que observa com o mundo a sua volta, com as experiências que adquiriu ao longo do

¹⁰ Segundo Danto (2006), as esculturas, Brilho Box, de Andy Warhol fazem referências às caixas de sabão em pó da marca Brilho. Foram confeccionadas em papelão para que se tornassem aparentemente próximas a estas.

tempo, com suas percepções da realidade e suas vivências. Para Peixoto (2003, p. 92), “[...] o espectador deverá arriscar-se a fazer interpretações mais ousadas, permitindo-se mergulhar com maior intensidade no papel de co-criador.” O público precisa arriscar-se nas interpretações das obras, precisa sonhar, ir além da matéria para que passe de mero espectador, apreciador de obras, à co-criador de arte, onde passará a dar sua contribuição para o ato criador.

Assim, além de se arriscar nas interpretações, é importante o público se manter livre de qualquer preconceito, possuindo algum conhecimento sobre a arte, pois do contrário, não compreendendo o que ela abrange, também não será capaz de estabelecer relações mais aprofundadas com ela, se mantendo ainda como mero espectador, ao invés de se estabelecer como co-criador de arte. Desta forma, além de necessitar de um público para interação, “A arte pede um olhar curioso, livre de ‘pré-conceitos’, mas repleto de atenção.” (CANTON, 2009, p.13).

3 ESTÉTICA, EXPERIÊNCIA E FRUIÇÃO

Antes de começarmos a discorrer sobre estética, é preciso, primeiramente, saber o que esta quer dizer e para contextualizá-la citarei Oliveira (2006, p. 27), quando diz que “[...] estética é uma palavra usada, geralmente, como sinônimo de beleza. Isto tem um porquê: *Estética*, uma dimensão da Filosofia, durante um certo tempo foi definida como “o estudo do belo”.” deste modo, podemos dizer que algo que recebe a palavra estética no nome, é definido como sinônimo de beleza, por exemplo, quando nos referimos a tratamentos estéticos, automaticamente pensamos em tratamentos de beleza. Mas, não existe uma única definição de estética, de beleza, equivalente a todo o tempo. Na segunda metade do século XX,

[...] Greimas se afasta de um conceito da *Estética* vinculado ao *belo* e se aproxima da *Estética* como **estesia** – percepção através dos sentidos, do mundo exterior, análoga ao conceito de Baugarten. Trata-se da **experiência do prazer ou mesmo do desprazer, das percepções dos sentidos, da sensualidade e da sensibilidade**¹¹. (OLIVEIRA, 2006, p. 33).

Oliveira nos apresenta Greimas, trazendo um conceito de estética vinculado a experiências através dos sentidos, trabalhando com o subjetivo, com os sentimentos e com a sensibilidade do ser humano, onde a beleza baseia-se em experiências proporcionadas por impressões que temos acerca de algo.

Para Pareyson (2001, p. 5) a experiência estética refere-se à “[...] toda experiência que tenha a ver com o belo e com a arte: a experiência do artista, do leitor, do crítico, [...] daquele que desfruta de qualquer beleza.” Defende ainda que esteja ligada a todo tipo de experiência que temos com relação à beleza como sensação, à arte como emoção, envolvendo os sentidos, onde, apenas não é estética, a experiência que se dá presa a descrições e aquela que não é alimentada pelo contato com a arte ou o belo. Assim, toda e qualquer experiência que tivermos com relação à arte e o belo se torna estética, mesmo que esta não seja das mais agradáveis.

Quando notamos algo belo e isto nos desperta algum tipo de sentimento, assim como a arte também o faz, ainda que não seja essencialmente bela em sua aparência, certamente despertará algum tipo de prazer ou desprazer àquele que se

¹¹ Conforme escrita original.

coloca na posição de fruição. É ligado a este prazer ou desprazer, que sentimos no contato com obras de arte, que podemos vivenciar uma experiência estética, onde tudo que precisamos para tê-la é a própria experiência, o próprio contato com a arte. Costa (1999, p. 101) explica que a “[...] experiência depende do artista, dos meios de que dispõe, de suas idéias e intenções, da sua formação, do seu trabalho realizado e daquele que enfim recebe e aprecia.”. Ela nos relata que a experiência se inicia com o artista e a concretude de seu trabalho para que, em seguida, o público passe a apreciá-lo e a estabelecer relações com a obra, tendo assim uma experiência que podemos chamar de estética.

A experiência através dos sentidos, talvez seja o modo mais viável para tratar de apreciar obras de arte no mundo contemporâneo. É um modo pelo qual o público deverá visualizar a arte, se baseando no que as experiências o proporcionaram e não mais apenas na imagem materializada, em suas percepções sobre o que se propôs a contemplar, onde segundo Eco (2003, p. 40), “Cada fruição é, assim, uma *interpretação* e uma *execução*, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original.” Cada um terá um tipo de experiência e uma perspectiva sobre determinado assunto envolvendo os sentimentos, as vivências que possuem, onde cada fruição se apresenta diferenciada das demais. Mas, existem pessoas que ainda se prendem no sentido de belo como exterior, de belo como perfeição, e acabam não percebendo que ele, na arte contemporânea, corresponde “[...] tanto a uma emoção despertada como a sua correspondência a uma idéia transmitida.” (COSTA, 1999, p. 24).

Desta forma

A experiência estética deixa de estar associada à beleza, tornando possível descrever como estéticas certas experiências acerca de coisas que, em condições normais, não são dignas de atenção e que até consideramos feias. (ARTE DE PENSAR, 2008, p. 16).

Afirma-se que não somente as coisas belas despertam nossos sentidos para uma experiência estética na arte contemporânea, pois as que se apresentam feias em sua aparência também nos despertam algum tipo de impressões, até muitas vezes sendo mais fortes que as impressões acerca de coisas belas. Por este motivo é que a fruição dependerá de cada um, de suas vivências e impressões acerca daquilo que o rodeia, pois o que é feio para um pode ser belo para outro ou

vice versa. Culturas e pessoas diferentes possuem maneiras diversas de pensar e ver, onde esta perspectiva também se emprega à arte.

Para Pareyson (2001) a obra de arte é objeto fruto de um processo e se revela somente a quem assim a considere, como conclusão de um processo captado e delineado por alguém que soube resgatá-la de onde nasceu. Para ele a obra só acontece quando o público se torna capaz de ir buscar sua origem, quando ele se integra realmente à fruição e se torna capaz de penetrar a vida coletiva e a sua. O autor ainda cita que o processo de interpretação não é definitivo e nem está verdadeiramente acabado, pois toda interpretação é passível de aprofundamento. Somos capazes de, em demais observações, aprofundar pensamentos e impressões que se mostram passíveis de mudança.

[...] as interpretações são muitas, tantas quantas as pessoas que se aproximam de uma determinada obra, e até mais, se pensarmos nas mudanças a que, no curso de sua vida, uma pessoa é levada, sob o estímulo de novas circunstâncias e de novos pontos de vista [...] (PAREYSON, 2001, p. 224).

Além das interpretações mudarem ao observarmos mais de uma vez determinada obra de arte ou objeto, elas também mudam com o passar dos tempos e de nossas vidas, pois existem diversos fatores que contribuem para que desenvolvamos pontos de vista diferentes dos anteriores com o surgimento de circunstâncias novas, como o amadurecimento e com a desconstrução de determinados preconceitos. Desta forma se torna possível a existência de diversos pontos de vista apresentados não só por outras pessoas ou por culturas diferentes, mas também através de uma mudança, uma revisão de ponto de vista vinda de um único sujeito que, por interferência do tempo, passou a desconstruir o anterior e aprofundá-lo a cada novo olhar.

Apesar de todos os fatores que, de alguma maneira, participam da fruição, uma coisa é certa: “Aos poucos vamos desenvolvendo uma forma própria de apreciar esteticamente o mundo que nos rodeia.” (COSTA, 1999, p. 17). Aos poucos, através do tempo, de nossas vivências e experiências, acabamos por desenvolver um olhar mais apurado com relação ao mundo, à arte e às ligações que esta faz com o mundo que nos cerca. Desenvolvemos uma forma só nossa de fruir o que quer que seja, desde que mantivermos contato com o objeto de fruição.

3.1 BELO E FEIO NA ARTE, UMA IDEIA A SER DESCONSTRUÍDA

Conceitos de arte mudam com o tempo, como já vimos anteriormente, e assim mudam também suas características em determinadas épocas, mas

O conceito de arte e de artista está fixado, segundo Favaretto na tradição romântica, que identifica obra como obra-prima, ou seja, uma obra sacralizada, que revela um conceito específico de beleza. Nela, estão incluídas categorias como harmonia, perfeição, acabamento e unicidade. (SCHMIDLIN, 2006, p. 3).

Favaretto nos dá um conceito habitual de beleza onde a obra de arte tinha de se mostrar em perfeita harmonia, acabamento e, rotineiramente, acabamos por definir o feio como oposição ao belo, mas a feiúra e a beleza sempre foram relativos em todos os tempos e dependentes de vários fatores. Umberto Eco (2007, p. 391) afirma que “[...] o conceito de feiúra, como aliás o de beleza, é relativo não somente às diversas culturas, mas também ao tempo.”, onde qualquer ideia de belo que se apresenta anterior ou futuramente os será estranho.

O belo, para Umberto Eco (2004, p. 8), “[...] é um adjetivo que usamos freqüentemente para indicar algo que nos agrada.” Qualquer coisa que considerarmos agradável ao olhar, também passaremos a considerar belo. Muitos filósofos, assim como Platão, defendem que o belo é tudo aquilo que existe pela definição de um padrão (ARANHA, MARTINS, 1998). Com relação à arte, podemos notar tal característica em um período onde, durante muito tempo, as produções seguiram padrões impostos pelas academias. Este padrão se manteve relacionado ao belo como representação pura do real, facilmente perceptível na arte clássica, que devido a

[...] importância que teve, acabou disseminando pelo mundo seu ideal de beleza, que começou a ser considerado como universal. Assim, muitas pessoas passaram a julgar belas apenas as manifestações artísticas agradáveis, harmoniosas e que mostram o mundo não como ele é, mas como deveria ser. (COSTA, 1999, p. 25).

Mas, apesar deste ser um padrão usado há muito tempo, algumas pessoas ainda não se separaram das definições de beleza que este período estabeleceu nas artes, passando a considerar a arte sinônimo de beleza como

representação exata do real, onde tudo que foge disto é caracterizado como *feio*¹², como exemplo, muitas manifestações artísticas contemporâneas que, por não seguirem padrões específicos e se mostrarem bastante disformes, se comparadas às artes clássicas, passam a ser consideradas *feias*.

No mundo contemporâneo é notável que muito “Desfruta-se o que é convencional, sem criticá-lo; critica-se o que é novo, sem desfrutá-lo.” (BENJAMIN, 1994, p. 188). Assim, o que há muito tempo esteve convencionado como arte é desfrutado como sendo, mas o que ainda está em desenvolvimento, o que surge de novo no mundo artístico é constantemente criticado. Por este motivo é importante ressaltar a necessidade de um novo olhar para a arte, um olhar que foge de padrões de beleza estabelecidos por outros períodos, pois “[...] a Beleza jamais foi algo de absoluto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país [...]” (ECO, 2004, p. 14).

Como já apresentado, as definições de belo, assim como de feio, estão em constante mudança e “[...] condicionada a diferentes critérios, conforme o tempo, o lugar, o sexo, a idade, o grupo ao qual pertencemos.” (COSTA, 1999, p. 19). Apresentam-se de forma bastante diferenciada em diversos momentos. Para Aranha e Martins (1998, p. 217), o belo não passa de “[...] uma qualidade que atribuímos aos objetos para exprimir um certo estado da nossa subjetividade, não havendo, portanto, uma ideia de belo em si nem regras para produzi-lo.” Por isto é demais relativo dizer com precisão o que é belo, pois ele se apresenta de formas diferenciadas para cada pessoa, dependendo de sua subjetividade, de seu estado de espírito, onde algo que hoje para você é belo, mais tarde pode vir a não ser assim considerado.

Hoje passamos a considerar belo todo objeto que nos é dado à percepção e realize seu destino, expressando um significado e se mostrando capaz de ser percebido através da experiência estética (ARANHA, MARTINS, 1998). Somente são feios objetos que se tornam incapazes de corresponder a sua proposta, sendo que assim, nem mesmo, são chamados de arte, pois a beleza na arte “[...] vem da emoção que temos diante de uma obra de arte quando percebemos o que o artista tenta transmitir. A beleza vem também da sensação de conseguirmos ver o mundo

¹² Diz respeito à aparência física das coisas, dos objetos e da arte. Objetos considerados feios em sua aparência são os que não se apresentam em total harmonia, se mostrando disformes ou mal acabados fisicamente.

da maneira que pensamos ter sido a intenção do artista.” (COSTA, 1999, p. 24). As qualidades da obra despertarão emoções sentidas acerca de alguma ideia transmitida através dela e é o que podemos chamar de beleza nas artes, mesmo quando o que sentimos acerca dela seja caracterizado por aspectos tristes ou desagradáveis.

Estas impressões desagradáveis são o que, muitas vezes, chamamos de feio na arte. Eco (2007, p. 19) nos explica que “[...] quase todos os sinônimos de *feio* implicam sempre em reação de nojo, se não de violenta repulsa, horror ou susto.” Reações que se tornam frequentes em exposições contemporâneas, onde muitas obras apresentam a intenção de impactar o público, passando propositalmente impressões negativas, com o interesse de afetar de alguma maneira quem se dispõe a fruí-la. Assim o *feio* se torna inteiramente válido no campo da arte contemporânea, pois muitas vezes o que chamamos de feio é capaz de transmitir emoções ou ideias mais intensas do que a mera representação do real, repleta da reprodução de padrões do período clássico (COSTA, 1999).

4 METODOLOGIA

Para Pedro Demo (1990, p. 16) pesquisa científica requer “atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem”. Assim, para que uma pesquisa científica seja realizada, é necessário que o pesquisador se disponha a investigar acerca de algo que desconhece, mas que se desafiou a conhecer. É preciso ainda que se proponha a encontrar uma resposta, que nem sempre se torna clara ou, talvez, nem mesmo seja descoberta. O pesquisador precisa demonstrar empenho para que exista uma reflexão baseada na investigação que foi, por ele, realizada. No caso de uma pesquisa envolvendo a área das artes, além desta reflexão sobre o material pesquisado, se deve explorar também o sensível e o subjetivo. Segundo Jean Lancri (2002, p. 19) a pesquisa em artes plásticas se difere das demais pesquisas, pois o pesquisador “[...] trabalha também no (o) campo do *sensível*.” Não se prende somente em conceitos, mas busca conciliá-los com suas emoções, com percepções acerca da realidade em que vive.

É com base na realidade que busco, através desta pesquisa, esclarecer uma inquietação, onde me propus a pesquisar se é possível que jovens desprovidos de experiências com a arte contemporânea e convidados a interagir em um processo de produção artística, venham a ser sensibilizados e desconstruir seus preconceitos com relação a ela? Além disso, no desenvolver da pesquisa, surgiram outros questionamentos que me nortearam na resolução deste problema, onde almejei compreender: qual a ligação entre o que é aparentemente feio com o que não é arte e o que é aparentemente belo com o que é arte? Qual a influência do contexto social sobre a opinião formada acerca da arte e, principalmente, arte contemporânea? O pouco contato com a arte contemporânea pode interferir na falta de compreensão sobre ela? O estatuto de obra-prima interfere na aceitação da arte contemporânea e por quê? E, pensando na produção artística, me perguntei ainda, como conceber uma instalação que faça ser desconstruído o conceito de arte por pessoas que não possuem conhecimentos relativos a ela?

Assim o objetivo geral da pesquisa foi possibilitar, através da concepção e desenvolvimento de uma instalação, o conhecimento e compreensão da arte contemporânea, a partir de experiências que afetem os conceitos e preconceitos sobre arte. Sendo que tive, ainda, objetivos específicos, onde a intenção foi

pesquisar, com jovens da comunidade de Rio Fortuna - SC e através de materiais bibliográficos, se realmente existe um estranhamento com relação à arte contemporânea vinda de seu público, indicando as razões. Disponibilizar diferentes ideias de arte e mudanças que afetam a arte contemporânea. Além de desenvolver uma produção artística que busque contrastar ideias de arte, envolvendo o que foi ou continua sendo considerado belo e feio na arte. E por fim, analisar a reação do público pesquisado e as considerações que elaboraram, após a experiência relacionada ao processo criativo e à exposição da produção artística resultante desta pesquisa.

O trajeto utilizado no decorrer desta pesquisa compreende “[...] por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.” (MINAYO, 2004, p. 16). Ainda de acordo com a autora, a metodologia, como um conjunto de técnicas, deve ser clara e coerente tornando-se capaz de utilizar a teoria e a prática juntas, onde uma complete a outra para que se possa compreender fenômenos e processos existentes na sociedade.

Esta pesquisa insere-se na linha de fundamentos da arte, onde apresenta abordagens teóricas sobre arte e estética, utilizando-as para o desenvolvimento de uma produção artística, que busca constantemente referência em conceitos apresentados, além de informações colhidas através da pesquisa de campo. Classifica-se ainda no limiar entre pesquisa básica e aplicada, com abordagem qualitativa, pois segundo Minayo (2004, p. 22) esta “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” Não se prende a conclusões numéricas, baseando-se em percepções acerca da vida, da realidade que nos rodeia, sendo exploratória e explicativa, do ponto de vista de seus objetivos, onde esclarece a razão e o porquê de diversos fatores contribuintes para as dificuldades em compreender a arte. É considerada também como pesquisa bibliográfica, pois “[...] coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse [...] tem como lugar privilegiado de levantamento as bibliotecas, os centros especializados e arquivos.” (NETO, 2004, p. 53).

A pesquisa bibliográfica é um diálogo de pensamentos entre os interesses do pesquisador e os pensamentos dos autores que mais se aproximam de sua proposta. Esta pesquisa ainda se classifica como pesquisa de campo, pois “[...] combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental,

bibliográfico, instrumental etc.” (MINAYO, 2004, p. 26). Além de ter buscado referência em livros para afirmação de uma prática realizada em conjunto com demais pessoas, também foram formulados questionários, colhidos depoimentos e por final realizada uma análise dos dados obtidos.

A pesquisa então foi realizada na região da AMUREL, se focando no município de Rio Fortuna - SC, contando com a ajuda de um grupo de jovens com 8 pessoas, tendo estas, idade média entre 20 e 40 anos. No geral, são pessoas do meu convívio rotineiro e que, assim como eu, são influenciadas pela falta de contato com a arte no município em que residimos.

Foram de extrema importância as leituras e escritas realizadas, além de práticas com o grupo participante da pesquisa de campo. A esta prática foram incluídos questionários com o objetivo de compreender o contato que cada pessoa possuía com a arte, anteriormente e posteriormente, a apresentação do vídeo *Isto é arte?* de Geraldo Santos e do filme, *O sorriso de Monalisa*, dirigido por Mike Newell, promovendo uma aproximação entre a arte e esta pequena parcela de seu público. Após esta exposição foi promovido um diálogo entre os participantes, além de uma prática performática, que inicia a minha produção artística. Estas ações foram todas filmadas para que pudessem, mais tarde, serem analisadas. Toda esta dinâmica foi de extrema importância, pois, através dela, se tornou possível notar se uma aproximação entre público e arte pode afetar suas ideias com relação a ela.

Um segundo questionário foi elaborado e, além de servir para as comparações apontadas acima, buscou também impressões com relação à produção artística resultante desta pesquisa, para que fosse possível atestar se sua intenção pode ser realizada e se houve alguma mudança de conceitos dos participantes com relação à concepção de arte. Todo este processo colaborou para uma análise e um maior entendimento sobre as colocações feitas a respeito da arte e arte contemporânea por estas pessoas, como também para o planejamento de uma mediação, onde um contato com a arte foi oferecido de forma mais intensa aos participantes.

Além disso, como citado anteriormente, a pesquisa resultou em uma produção artística contemporânea, caracterizada como uma instalação, marcada por contrastes referentes ao que foi e ainda é, por muitos, considerado como sendo arte (belo) ou como não sendo arte (feio). Buscou-se uma ressignificação de conceitos, valores e ideias acerca dela.

5 DESENVOLVER DA PESQUISA DE CAMPO: QUESTIONÁRIOS, VÍDEOS E AÇÃO PERFORMÁTICA¹³

A pesquisa de campo foi fundamental, pois contribuiu para atestar abordagens levantadas através da pesquisa bibliográfica, reafirmando-as na prática. Contou com a colaboração de um grupo de pessoas que aceitaram a proposta e se disponibilizaram a participar de questionários, aplicados em dois momentos, além de assistirem também a um vídeo e um filme, que abordaram questões sobre arte.

Na sequência serão apresentadas todas as considerações colhidas acerca desta experiência, onde a aplicação dos questionários, em dois momentos, tornou possível comparações entre o antes e o depois de considerações com relação à arte dadas pelos participantes da pesquisa, contribuindo ainda, para que pudesse ser percebido se houve alguma mudança de conceitos após ser proporcionado um contato mais intenso com a arte a estas pessoas.

5.1 CONCEITOS E PRECONCEITOS SOBRE ARTE

Na escrita que segue serão apresentadas as considerações dos participantes que compreendem o primeiro questionário (disponível por completo no Apêndice A.), tendo como objetivo compreender qual contato os participantes da pesquisa de campo possuíam com a arte e arte contemporânea. As respostas, que se encontram abaixo, não sofreram qualquer influência, pois o questionário foi aplicado individualmente. As considerações e impressões apresentam-se na ordem das questões do primeiro questionário e se diferenciam pelas iniciais do nome de cada participante.

Seguem então, as considerações sobre a primeira das cinco questões deste questionário, onde esta solicita que cada participante explique sua concepção de arte:

¹³ Segundo Josette Féral (2009), performance é uma palavra difícil de explicar, mas é feita de ações que se dão em espetáculo, que representam algo, rituais que mostram algo, onde o performativo é o ato que se dá a performance. Uma ação performática então seria um ato representativo onde se vem a mostrar algo, a representar algo, sendo que aqui esta ação, este ato representativo vem a representar o corte de uma pintura.

T.F.: “Arte para mim é o dom que cada pessoa tem de criar algo, usando sua criatividade, suas próprias mãos. Arte não é só pintura em tela, vejo também como: esculturas, música para mim também é uma arte.”

D.B.: “Para mim arte pode ser entendida como o resultado do que pessoas produzem com qualidade, a arte para mim esta presente em pinturas, estátuas, desenhos. Ou seja é produzida por pessoas que possuem habilidades.”

L.R.T.: “Arte é algo tocável, palpável. Algo criado por alguém para ser admirado ou mesmo para conscientizar. Se caracteriza desde quadros, fotografias ou esculturas.”

É.W.: “Na minha opinião arte é algo que criamos ou produzimos com a intenção de gravar coisas ou expressar sentimentos, como exemplo quadros, esculturas, artesanatos. Afinal, tudo o que criamos acredito que possa ser considerado arte, e estas talvez tenham diferentes definições.”

E.W.: “É a forma de expressas seus sentimentos, desejos.”

D. E.: “Arte para mim é uma manifestação da alma, liberdade, expressão. A arte está em muitas coisas: pinturas, artesanato.”

M.B.: “A arte para mim depende da visão de cada pessoa, o que eu possa achar que seja, para os outros pode não ser.”

L.C.S.: “Entendo como arte qualquer forma de expressão intencional, que cause impacto ao “observador”¹⁴ (seja ele positivo ou negativo), indiferente da sua natureza (visual, auditivo, sensitivo).”

Diante destas colocações, ao analisar as reflexões dos participantes com relação ao que compreendem por arte, é perceptível notar que as ideias de arte se dividem sobre dons e habilidade, como sendo algo palpável, que muda de pessoa para pessoa e ideias de arte como forma de expressão dos sentimentos.

A segunda questão vem com o propósito de perceber qual o contato que os participantes possuem e o que conhecem acerca da arte, de obras e artistas:

T.F.: “Convivo mais com pessoas da minha cidade mesmo, que fazem pintura em tela, artesanato, que também considero como arte.”

D.B.: “Meu contato com arte se da através de visitas à museus (Museu Zumblick). Nas aulas de artes durante o período escolar.”

¹⁴ Destaque da escrita original.

L.R.T.: “Tenho pouco contato, mas o pouco foi em museus da região como Willy Zumblick.”

É.W.: “Tenho poucos contatos, que eu lembre conheci as obras do “aleijadinho” nas igrejas de Ouro Preto – MG.”

E.W.: “Simplesmente só tive contato com a arte através de jornais, revistas e com a matéria no ensino médio.”

D.E.: “Eu tive o contato com arte na escola, não muito a fundo, já estive em museu também, que envolve muitas obras diferentes. O meu contato com arte é mais com quadros, pintura, de uma forma mais clássica.”

M.B.: “Tive contato na escola e no curso técnico Design de Interiores. Tive contato por fotografias com algumas obras, mas agora não sei dizer o nome.”

L.C.S.: “Cursei Arquitetura e Urbanismo por 5 semestres, estudei música e sou viciado em filmes. Além disso, trabalhei 6 anos com criação de logotipo e design de marca, portanto meu conhecimento sobre o assunto não é imenso, mas não é insignificante.”

Foram poucos os participantes que afirmaram possuir algum contato maior com arte, a maioria se deteve a contatos somente no ensino médio ou em visitas a museus da região, como Willy Zumblick, que utiliza a pintura como modo de expressão. É notável a falta de contato que os participantes possuem com a arte, onde o pouco que a apresentam se volta a representações de arte através da pintura. Para Freire (2006, p. 7) “O QUE O SENSO COMUM¹⁵ entende por arte é a maior dificuldade que se enfrenta para a compreensão da arte contemporânea.” Para ele esta ideia de arte voltada para representações clássicas é o que mais atrapalha a compreensão e aceitação da arte contemporânea por muitas pessoas.

Para perceber se a ideia que os participantes possuem de arte realmente afeta o que conhecem acerca da arte contemporânea, a terceira questão vem com o interesse de compreender se os participantes conhecem a arte contemporânea e qual o entendimento que possuem sobre ela:

T.F.: “Mais ou menos. Arte contemporânea acredito que seja todos os tipos de arte que temos hoje.”

D.B.: “Não conheço a arte contemporânea.”

¹⁵ Destaque no texto conforme escrita original.

L.R.T.: “Arte contemporânea é a visão de cada um na sua criação, o que é arte para um pode não ser para outro. Pode ser uma fotografia ou uma parede grafitada.”

É.W.: “Não tenho conhecimento.”

E.W.: “Não conheço e não tenho entendimento.”

D.E.: “Não.”

M.B.: “Sim. Pode ser algum objeto que para mim pode não ter sentido e ser transformado em uma obra de arte, mesmo a reutilização de objetos jogados fora.”

L.C.S.: “Entendo como arte contemporânea essa transição de “alguma coisa” para “sabe-se lá o que”, que estamos vivendo atualmente. Acredito que a velocidade com que as coisas vem acontecendo e a ausência de uma “bandeira” ou de motivações autênticas, tem impedido essa geração de criar.”

Ao analisar suas considerações sobre arte contemporânea, percebe-se que não se detiveram em respostas longas. Muitos foram claros e objetivos ao relatarem que não a conhecem, outros se arriscaram em respostas mais elaboradas, como M.B. que acredita na possibilidade da utilização e reutilização de objetos na arte contemporânea, assim como pensa Cauquelin (2005, p. 94), que relata que “Em relação à obra, ela pode ser qualquer coisa, mas numa hora determinada.” Onde o artista pode utilizar objetos do cotidiano, já fabricados e lhes conferir valor artístico, do mesmo modo como fazia Duchamp com os ready-mades.

Partindo agora para a quarta questão, peço que os participantes relatem alguma experiência que tiveram com arte contemporânea e qual a impressão que ficou sobre ela:

T.F.: “Não tive nenhuma experiência.”

D.B.: “Não tive nenhuma experiência.”

L.R.T.: “Tive pouco contato com arte contemporânea, mas ao ver fotos de obras assim, em muitas não vejo sentido.”

É.W.: (em branco)

E.W.: “Não tive.”

D.E.: “Não tive nenhuma experiência com arte contemporânea.”

M.B.: “Não tive pessoalmente, mas através de imagens, achei que muitas das artes são interessantes, mas também tem muitas que são um absurdo.”

L.C.S.: “Salvo algumas exceções, a arte contemporânea, a meu ver, é resultado quase exclusivamente do capitalismo, uma vez que a intenção dos chamados “artistas”¹⁶ (sejam músicos, arquitetos ou atores) não é mais fazer “sentir” e sim “vender”!”

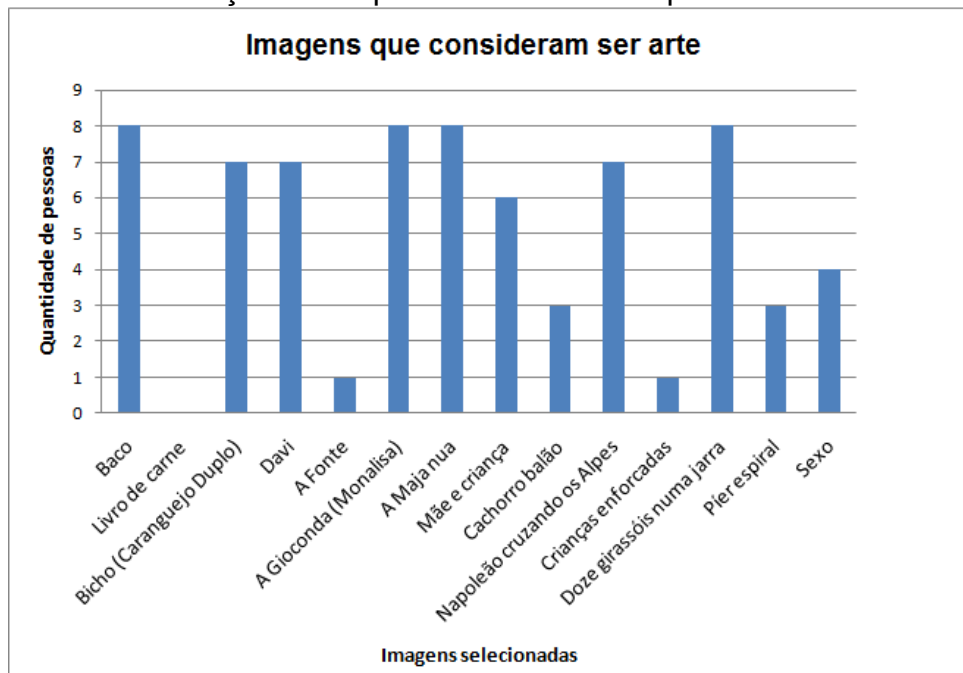
Aqui se torna evidente que a maioria mostra não ter tido qualquer experiência com arte contemporânea, enquanto outros citam as fotografias. L.R.T. relata não ver sentido em muitas das obras e M.B. considera muitas um absurdo. Expressam estranhamento com relação à arte contemporânea, o que segundo Canton (2009, p. 33) é compreensível, pois “[...] a própria definição de arte, nesse momento, está mergulhada numa condição de estranhamento e instabilidade, gerada durante o percurso histórico das experimentações postas em prática por artistas no século XX.”

Assim, o peso do estranhamento com relação à arte contemporânea está ligado não somente às pessoas, como também à arte, que sofreu diversas mudanças no período de vanguarda, diversas experimentações que acabaram abalando o contato com o público. E este acabou se afastando das galerias e museus por não conseguir mais compreender as obras, e tudo isto acabou se refletindo no mundo contemporâneo.

A última questão apresentada é objetiva e pede que os participantes assinalem as imagens do que é arte (disponível no Apêndice A), tornando possível uma visão mais clara do que consideram como sendo ou não arte, em um primeiro contato. A relação destas imagens e da quantidade de pessoas que as escolheram está no gráfico abaixo.

¹⁶ Destaque da escrita original.

Gráfico 1: Relação de respostas referentes à questão cinco.



Fonte: da pesquisadora.

Com base nas observações deste gráfico, percebe-se que a maioria volta a se deter às imagens que retratam o máximo de realismo, prendendo-se à formas específicas de manifestações artísticas, onde as mais escolhidas foram Baco, Monalisa, A Maja nua, Doze girassóis numa jarra, Napoleão cruzando os Alpes, Davi e Bicho (Caranguejo duplo).

Nota-se que possuem uma ideia que é tipicamente encontrada em pessoas que possuem conhecimento raso sobre a arte e que não mantém contato com ela. Canton (2009, p. 13) nos relata que existe uma

[...] importante parcela da compreensão da arte que é constituída de conhecimento objetivo envolvendo a história da arte e da vida, para que com esse material seja possível estabelecer um grande número de relações.

Mostra-nos o quão importante é se obter conhecimento sobre as mudanças ocorridas, com o passar dos anos, na arte, além do que representou nestes diversos momentos. É através deste conhecimento, que se torna possível uma gama de relações, não se prendendo apenas em uma maneira de se estabelecer contato com a arte. A partir da obtenção de conhecimentos é possível aprofundar o olhar para que se estabeleçam diversas relações entre a arte e o mundo em que se vive.

5.2 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS VÍDEOS

O segundo contato com o grupo de participantes da pesquisa de campo se deu através de uma atividade expositiva, onde eles foram convidados à assistirem o vídeo da coleção Itaú Cultural, de Geraldo Santos (1999), Isto é arte?, e em seguida o filme, O sorriso de Monalisa, dirigido por Mike Newell. Após este contato foi promovido um debate, onde os participantes foram convidados a tecerem suas considerações a respeito do universo que engloba o vídeo e o filme, sendo que o momento foi gravado em vídeo. Esta atividade teve, como principal interesse, uma aproximação da arte para estas pessoas. Além disso, após estas considerações, participaram do primeiro passo do processo criativo de minha produção artística, onde acontece o corte da tela. Este processo também foi filmado, tornando possível a utilização de suas considerações no texto que segue, sendo que neste contato, apenas uma pessoa do grupo não se fez presente.

Com relação às percepções dos participantes acerca do filme, O sorriso de Monalisa, e do vídeo, Isto é arte?, afirmo que foi possível um bom diálogo. Em vários momentos ocorreram comentários relacionados às obras que ambos apresentaram, além de relações entre eles e a realidade, afirmando que, se fosse para responderem o primeiro questionário novamente, assinalariam todas as imagens como sendo arte, pois perceberam que a arte pode ser *qualquer coisa*¹⁷, desde pinturas à diversos objetos. Perceberam que “Não há nenhuma limitação a priori de como as obras de arte devem parecer - elas podem assumir a aparência de qualquer coisa.” (DANTO, 2006, p. 19). Não segue um padrão estipulado por normas, onde tudo pode vir a ser uma obra de arte, desde que assim o artista a veja.

Além disso, eles também consideraram a arte como o reflexo da realidade, onde segundo Pareyson (2001, p. 205) “[...] não há nenhuma obra de arte em que não penetre a vida, arrastando os mais diversos valores consigo [...]”. Não existe nenhuma obra de arte que não busque ou que não tenha buscado referência na vida, no momento em que foi criada, refletindo assim muitas realidades onde não se pode o presente se baseando no passado.

Já, com relação à prática que deu início à minha produção artística, marcada pelo ato performático de corte de uma pintura, se tornou nítido que eram

¹⁷ Desde que isto faça sentido estando dentro da proposta do artista.

contra o ato de cortar a tela. Nesta prática eu me disponho a cortar uma tela, uma pintura de que me apropriei, na frente dos participantes da pesquisa de campo a fim de obter um retorno sobre suas reações. Esta prática foi toda filmada e na gravação de vídeo é possível ouvir exclamações de protesto como: “Não corta, está bonitinho assim.” (L.R.T.); “A pessoa que pintou deve ter ficado uns quatro dias pintando”(L.R.T.); “E tu vai ali, em meia hora e destrói isso.” (M.B.); “Porque tu vai fazer isso?” (E.W.); “Porque tu não pega um quadro branco?”(M.B.); “Está me doendo ver isso.” (L.R.T.).

Tentavam convencer-me a todo momento a não fazer aquilo e a ligação que fazem de belo com a forma física se torna bastante clara com esta prática onde, se eu rasgasse a pintura, estaria destruindo, deixando-a feia. É notável que estavam se prendendo a arte como sendo sinônimo de perfeição, de acabamento e não percebem que, muitas vezes, o que desagradava ao olhar causa mais impacto do que as coisas que consideramos belas (COSTA, 1999). Ativeram-se somente ao que agrada ao olhar, à emoções afáveis esquecendo que as desagradáveis, por serem assim, não deixam de ser emoções e estarem associadas à arte também. Desta forma, para Aranha e Martins (1998) a obra de arte transforma o vivido em conhecimento, proporcionando a compreensão através dos sentidos.

Contudo, por mais que tenham mudado algumas opiniões acerca da arte ao discutirem sobre ela, é possível perceber certa resistência, ainda, com relação a alguns modos de produções contemporâneas, mas acredito que isso possa ser transgredido com contatos constantes com a arte. Além disso, os participantes aprovaram a experiência e afirmaram que agora poderiam dizer que conhecem um pouco sobre arte e que esta experiência foi algo que lembrarão por muito tempo, pois pararam para perceber e discutir sobre o conteúdo do filme e sobre arte, algo que raramente faziam.

5.3 CONCEITOS, PRECONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE A INSTALAÇÃO

Na sequência serão apresentadas as considerações dos participantes relativas ao segundo questionário (disponível por completo no Apêndice B.). Tendo como objetivo, coletar informações sobre o contato e a compreensão que os participantes têm acerca da arte.

Este questionário foi aplicado duas semanas após a experiência com o vídeo e o filme e possibilitou a comparação do antes e depois das respostas, podendo, assim, perceber se houve alguma mudança em conceitos e ideias que os participantes apresentaram sobre a arte. As reflexões e impressões seguem a ordem das questões do segundo questionário e se diferenciam pelas iniciais do nome de cada participante, ressaltando que houve desistência de duas pessoas para a realização deste questionário. Por este motivo as iniciais D.B. e L.R.T. não serão apresentadas abaixo.

Aponta-se a seguir as respostas dos participantes a partir da primeira questão, onde novamente pergunto sobre qual sua concepção de arte:

T.F.: “Arte para mim é tudo o que você pode criar, desde pintura à músicas, por exemplo. Arte é o que faz você sentir.”

É.W.: “Arte para mim pode ser qualquer coisa ao nosso redor, basta nós denominarmos assim e isto passa a se tornar como tal, através de uma transformação que efetuamos.”

E.W.: “É o modo de se expressar, sentir e visualizar os sentimentos.”

D.E.: “A arte para mim é expressão de sentimentos, liberdade. Ela está em muitas coisas, não apenas em uma tela, pois para muita gente a arte é somente isto, mas na verdade a arte é transmitida de várias formas, por esculturas, pela dança, teatro...”

M.B.: “Arte é o sentimento expressado por algo. Uma tela pode ser arte, como também objetos que expressam sua alegria ou tristeza.”

L.C.S.: “Entendo como arte qualquer forma de expressão, de criação intencional que cause impacto, seja positivo ou negativo, ao observador/ouvinte/leitor.”

É possível notar mudanças nas afirmações dos participantes que, agora, se voltam para a arte como forma de expressão dos sentimentos. Todos escrevem, em algum momento de suas considerações, sobre a arte ser o sentimento expresso em objetos e a forma de expressão intencional que cause impacto, podendo este ser negativo ou positivo. Passam a perceber a diversidade e pluralidade das obras e da arte, além de sua intenção.

A segunda questão tem o objetivo de compreender o que os participantes afirmam conhecer ou não acerca da arte, de artistas e de obras:

T.F.: “Não possuo contato com a arte e nem conheço nenhum artistas, as vezes por falta de oportunidade ou mesmo por falta de interesse.”

É.W.: “Não tenho contato com arte, além de ter visitado uma igreja em Ouro Preto e visto as obras de Aleijadinho.”

E.W.: “Não tenho contato com nenhum artista e agora conheço da arte, que ela é o que vejo exposto em vários objetos e a partir deles tiro minhas próprias conclusões.”

D.E.: “Acerca da arte conheço o básico, agora um pouco mais depois desta experiência que estou tendo junto com o grupo. Depois disso comecei a perceber que a arte vai bem mais além do que eu imaginava. Muita coisa pode ser arte, basta ter esta concepção e ela também tem várias formas de ser expressada.”

M.B.: “Agora não tenho muito contato só mesmo com esta experiência. Já tive mais contato antes por fotos e através do curso que fiz, Design de Interiores.”

L.C.S.: “Conheço alguns arquitetos, designers e músicos. Meu contato com ela é quase diário, pela internet devido a meu trabalho.”

Diante destas considerações é possível perceber que os participantes continuam a afirmar que possuem contato precário com a arte e que não conhecem nenhum artista, mas é interessante a afirmação que além de não ter contato com a arte, isto pode vir pela falta de oportunidade ou até mesmo falta de interesse de sua parte. O que, para Moura (1984, apud PEIXOTO 2003, p. 4) é possível, pois “essa classe sedenta de conhecer arte está ainda mais sedenta de comida [...] é pretensão que alguém que tem necessidades prementes de sobrevivência possa fazer arte ou desfrutar dela”. Em um mundo onde muitas necessidades aparecem antes da necessidade de se conhecer a arte. Onde existem necessidades e preocupações maiores é pretensão exigir este aprofundamento, este conhecimento sobre arte, pois a necessidade de sobrevivência está acima de qualquer outra coisa para a maioria das pessoas. Precisam garantir a sua sobrevivência e acabam não tendo tempo para pensar, discutir ou conhecer arte.

A terceira questão se refere ao que os participantes conhecem sobre arte contemporânea, além de pedir que relatem seu entendimento sobre ela:

T.F.: “Para mim arte contemporânea é a arte de hoje. É o que você define como arte, o que você pode sentir, tudo que lhe causa impacto pode ser arte contemporânea.”

É.W.: “Arte contemporânea é a arte de hoje, o que artistas fazem nos dias de hoje.”

E.W.: “É a nossa tendência de mostrar para as pessoas propostas e objetos que expressem fatos atuais.”

D.E.: “Arte contemporânea é a arte que estamos vivendo no momento, é a arte feia de hoje. Muita gente acha que para ser arte tem que ser belo, a arte associada a padrões de beleza, quando na verdade ela é provocativa, criando a nossa percepção sobre o que estamos vendo.”

M.B.: “Sim. É algo “diferente”, vai de cada pessoa entender e expressar determinada obra, uns podem entender coisas ruins e outros boas, como ódio e alegria.”

L.C.S.: “Entendo como sendo a arte, ou expressão, da atualidade.”

Vimos, perante esta questão, que a arte contemporânea é a arte de hoje, a que vivenciamos no momento, a arte feia, mas que é provocativa.

A arte contemporânea, muitas vezes, é assim considerada por não apresentar um padrão, mas procurar despertar diversas possibilidades e sensações, indo das mais agradáveis para as mais pavorosas, procurando impactar quem se dispõem a manter contato com ela, onde “[...] a idéia é mais importante que a realização do trabalho, cuja porção visível ou aparente é secundária.” (FREIRE, 2006, p. 20). Valendo-se muito mais da ideia da obra e das sensações despertadas, do que da aparência apresentada.

A quarta questão tem como objetivo conhecer as experiências que os participantes tiveram com relação à arte contemporânea, pedindo que descrevam suas impressões:

T.F.: “Eu passei a conhecer a arte contemporânea através do filme, foi onde tive um conhecimento do que ela é, onde a professora passa para suas alunas que arte não é só aquilo que está escrito ou comprovado, e sim tudo aquilo que você pode sentir ou lhe causa impacto.”

É.W.: “A experiência que tive foi com o filme que nos foi passado, onde percebi que qualquer objeto pode ser transformado em arte, basta alguém dizer que é. Como, por exemplo, fotos e recortes de jornais.”

E.W.: “A minha impressão foi como se a mente estivesse a mercê dos objetos mostrados como arte.”

D.E.: “A partir desta experiência, posso dizer que esta desperta em mim impacto, porque antes disso eu ligava a arte ao belo e agora percebo que a arte contemporânea agrega muitas coisas do nosso cotidiano.”

M.B.: “Tive um pouco mais com esta pesquisa, além de por algumas pesquisas e fotos que encontrei na internet, mas mesmo assim acho muito estranho e algumas um absurdo.”

L.C.S.: “Após a experiência que tivemos aqui, pude perceber que as nossas experiências com arte contemporânea são bem mais constantes do que observamos anteriormente. Acho interessante perceber a arte dessa forma. Fico imaginando como descreverão essa época atual no futuro...”

Desta forma é possível perceber que muitos afirmam ter tido somente esta experiência com arte contemporânea, como participantes desta pesquisa de campo, e que este contato com ela os afetou. Schmidlin (2006, p. 6) afirma que “Viver a experiência estética, e não anestésica, é o que podemos aprender e apreender da arte.” Assim, a partir do momento que vivenciamos uma experiência estética, a partir do momento que compreendemos que precisamos sentir a arte ao invés de apenas visualizá-la é que podemos dizer que nos envolvemos com a real intenção que à ela se agrega. L.C.S. ainda diz que percebeu que as experiências com arte contemporânea são mais constantes do que imaginava antes deste contato, além disso, se mostra curioso sobre como descreverão esta época no futuro.

A quinta e última questão é a única que se torna diferente nos dois questionários. Pede que os participantes deixem suas impressões acerca da produção artística que lhes foi apresentada e que é resultante de toda esta pesquisa. (Imagens disponíveis na página 50).

T.F.: “Para mim a obra passa que arte não é só uma pintura em tela, mostra que se pode transformar a arte clássica na contemporânea, que tudo pode ser arte, basta usar a criatividade para isso acontecer.”

É.W.: “Na primeira impressão causou impacto negativo, mas analisando melhor, foi transformado uma tela normal em uma arte que causou este impacto, onde cada pessoa pode ter uma impressão da obra apresentada. Acredito que principalmente no futuro, causará muita discussão procurando descobrir qual o real objetivo da criação.”

E.W.: “Por detrás de uma aparência tranquila, exposta pelas flores, podemos ver que podem surgir obstáculos duros, mas também pode mostrar que podemos fortalecer ainda mais os vários caminhos.”

D.E.: “A obra me causou um impacto, pois além de ver uma aparência serena, tranquila, que são as flores, vejo os ferros cortando a tela, que representam que além desta aparência tranquila temos o lado agressivo, que faz com que desperte os sentimentos.”

M.B.: “A obra passou do singelo para o grosseiro, do clássico para o contemporâneo.”

L.C.S.: “Para mim o mais interessante e intrigante esta sendo tentar imaginar que tipo de sentimento motivou tal proposta. A arte é uma forma de expressão, nesse caso, o motivo tornou-se tão atraente quanto a obra em si.”

Diante destas reflexões percebemos várias opiniões diferentes sobre a mesma produção. Relatam que, o impacto, é de início negativo, a aparência é tranquila, mas por detrás dela pode-se perceber o lado agressivo. A passagem do singelo para o grosseiro chama a atenção, assim como a intenção da proposta, onde o motivo se torna tão atraente quanto a obra em si.

As opiniões são bem variadas e que apontam diversas interpretações, diversos pontos de vista interessantes. Beardsley¹⁸ nos aponta que as opiniões sobre as obras de arte se encontram, muitas vezes, diferenciadas porque estas nem sempre são avaliadas do mesmo ponto de vista. As pessoas possuem vivências diferentes e devido a isso não apresentam as mesmas opiniões, além de a arte contemporânea abrir espaço para diversas interpretações, onde uma não é mais verdadeira que outra. As interpretações são infinitas quanto ao seu número e se formam nos infinitos processos. (PAREYSON, 2001).

Diante de todas estas comparações e percepções, é possível, então, relatar que o encontro com a arte, que os participantes tiveram a partir desta experiência, trouxe bons resultados, além de atestar o quão importante é o conhecimento para compreensão desta. Benjamin (1994, p. 192) defende que “[...] as massas procuram na obra de arte *distração*, enquanto o conhecedor a aborda com *recolhimento*.”. Nota-se então, o quanto se é necessário o conhecimento, pois este redireciona a necessidade das massas, vindo a ser preciso mais do que isso

¹⁸ A ARTE DE PENSAR, 2008. Disponível em: <http://www.aartedepensar.com/acetatos/capitulo12.pdf>. Acessado em: 14/04/2012.

para compreensão da arte. É preciso que se tornem conhecedores dela para que possam adentrá-la com interesse, com recolhimento, mergulhando em seu campo e não apenas observando como quem segue seu fluxo, sem nada perceber, sem nada envolver-se. Um primeiro contato mais a fundo com a arte não resolve todos os problemas, mas serve para enriquecer e impulsionar futuras experiências.

A estimulação da arte, além da estimulação do pensamento e da fruição estética é algo que precisa ser contínuo. Para Peixoto (2003, p. 83) “Uma das vias é, sem dúvida, uma ação pontual na educação escolar.”. Pois esta exerce papel importante na formação do ser humano como pessoa e ser social. E, assim como foi possível perceber nesta pesquisa, a educação escolar, voltada para as artes, é ainda muito fraca e superficial em muitos locais, apresentando modos bem claros de arte aos alunos. É preciso então que esta também se reformule, formando valores sólidos, além de relações com as diversas manifestações e períodos artísticos. Este, talvez, seja o início para uma aproximação maior da arte e seu público entre esta geração e as demais que estão por vir.

6 PROCESSO CRIADOR: RASGANDO OS PRECONCEITOS

Toda produção artística é concebida dentro de um longo processo de maturação do pensamento, chamado de processo criador. Nele entra “[...] tudo o que o homem sabe, os conhecimentos, as conjecturas, as propostas, as dúvidas, tudo o que ele pensa e imagina.” (OSTROWER, 1978, p. 55). Agregam-se a ele todas as percepções que irão auxiliar os resultados onde, muitas vezes, o final da obra nada tem a ver com o início, pois estas percepções estão em constante mutação durante o processo. Percorrem o caminho da criação sempre em transformação e amadurecimento, fazendo com que a obra expresse diversas outras possibilidades após sua concretude.

O processo criador de um artista, assim como sua criação, transparece seu íntimo, suas percepções acerca do que o envolve. Torna-se, então, “[...] inevitável a presença de marcas pessoais na percepção e no modo como as relações entre os elementos selecionados são estabelecidas e concretizadas.” (SALLES, 2009, p. 107). Em uma produção artística tudo que envolve o universo do artista possui uma carga grandiosa sobre seus pensamentos, ideias, atos e produções, influenciando, não somente a arte, mas também diversos outros modos de expressão. Foi pensando nisso, na influência do que me cerca, do meio em que vivo, que surge a produção artística resultante desta pesquisa.

Dentro dos diversos modos existentes de produção de arte no mundo contemporâneo, escolhi a instalação, seguida de um ato performático de corte de uma pintura. A representação artística contemporânea provoca estranhamento e desconforto em quem a observa, fazendo com que cada fruição tenha multiplicidade em seu conceito (STOLF, 2007). A arte contemporânea, não instaura um conceito fixo, este apenas se constrói através do contato com o público, existindo assim várias concepções para uma mesma produção.

Como relatado no item anterior, através do primeiro questionário pude obter conhecimento sobre o que os participantes consideravam ser arte. Com a intenção de provocá-los surgiram então os primeiros esboços com várias possibilidades, entre elas rascunhos de galerias móveis, cubos interagindo com o público, cavaletes com telas presas a cordas, mas nenhuma satisfatória o suficiente.

Figura 1: Primeiros esboços



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

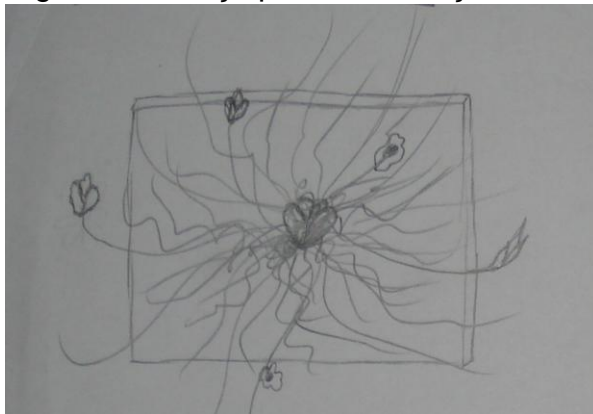
Ao pensar por mais alguns dias, surge a possibilidade da instalação contrastar o clássico e o contemporâneo, o que é considerado belo e o que é considerado feio pelos participantes da pesquisa de campo. Mas junto com isto apareceu também uma dúvida, como fazer para representar isto? Foram muitas as dificuldades e preocupações até se chegar a uma possibilidade concreta, o que segundo Salles (2009, p. 85) é uma fase perfeitamente normal, pois “[...] o artista encontra, ao longo do percurso, problemas infinitos, conflitos sem fim, provas, enigmas, preocupações e mesmo desesperos [...]”. Muitas vezes encontrando-se sem saída, o artista deve se deixar levar, se afastar de seus estudos e apenas observar o mundo a sua volta para que as respostas possam vir por si só. Para Ostrower (1978, p. 55), “Em dados momentos de nossa vida, a criatividade parece afluir quase que por si e dotar nossa imaginação com um poder de captar de imediato relacionamentos novos e possíveis significados.” E foi desta forma que encontrei um caminho, sendo acolhida pelo acaso e pela insistência.

Andando pelos corredores da UNESCO, ao passar em frente ao ateliê de pintura, imediatamente veio uma imagem, imaginei uma tela, pintada de forma acadêmica, representando o que por muito tempo foi considerado belo na arte, sendo rasgada, de maneira bastante agressiva, por ferros e arames que a perfuravam e ganhavam vida no espaço. A imagem desta tela ficou e, chegando ao ônibus, comecei a rascunhar. O pensamento se tornou um esboço, o ponto de partida para as experimentações.

Procurando me basear no desenho, criei um projeto, em tamanho menor do que o pretendido e com materiais aproximados aos que viriam a ser utilizados. Este projeto foi confeccionado basicamente com arames, pregos e uma tela, pintada

há algum tempo por mim, medindo 30x40cm. Usei ainda um alicate, um martelo e uma tesoura, que auxiliaram nas etapas do processo de montagem. Os rasgos no tecido foram feitos com tesoura e depois à mão, para que ficassem disformes, mas todos acabaram seguindo a trama do tecido, um dos pontos que não agradou. Já os arames, que rasgam a tela, foram fixados em uma grade, também feita de arame, posta com pregos por trás da tela.

Figura 2: Esboço para a instalação



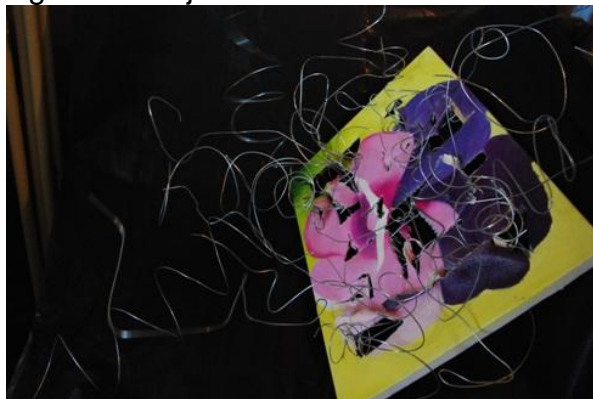
Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Figura 3: Montagem do projeto



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Figura 4: Projeto montado



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Esta experiência foi produtiva, serviu para percepção do que deveria ou não continuar do mesmo modo, sem que arriscasse o trabalho com os suportes finais. Foram feitos novos estudos, agora com estilete e de forma mais livre, realizados em outra tela, para não comprometer novamente o suporte final.

Figura 5: Teste de corte



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

A pintura em tela continuou sendo o suporte para todo o resto da instalação. Para esta foram utilizados, além da tela medindo 90x60cm, ferros de construção civil, 4.2mm, placas de madeira e dobradiças, além de ferramentas que auxiliaram o processo de montagem.

A tela utilizada foi uma apropriação de algo pronto, por isto não foi confeccionada por mim. Devido ao curto tempo e a falta de técnica ela foi comprada de uma pessoa que exerce a pintura como hobby e comercializa seu trabalho. Esta pessoa foi devidamente informada sobre os fins que levariam este trabalho e aceitou a proposta, pois relatou que este era um dos trabalhos que menos gostava, pois não havia ficado bom, existiam alguns erros e manchas que não poderiam estar ali, por isto me cobraria apenas o preço que valeria a tela, sem acrescentar valor a seu trabalho.

No momento da conversa sobre os fins que a tela levaria, havia outra pessoa presente, além da que confeccionou o trabalho, esta ofereceu-se para pagar uma quantia de dinheiro a mais só para que esta obra não fosse *destruída*¹⁹. Isto contribuiu ainda mais para enriquecer minhas percepções acerca do que muitos consideram como arte, além de afirmar o que já havia sido notado entre os participantes da pesquisa de campo²⁰.

Figura 6: Pintura em tela utilizada



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

¹⁹ Descrição dada por esta pessoa para o processo que relatei realizar.

²⁰ Todas as percepções com relação à pesquisa de campo se encontram nos itens 5.1, 5.2 e 5.3.

A procura por uma tela com características bem realistas foi a intenção desde o começo e esta pareceu perfeita para a proposta da instalação, pois representa o belo idealizado, o belo que muitos consideram ser sinônimo de arte. Representa o que muito foi citado no decorrer da pesquisa, a sacralização do belo como representação exata do real na arte pela maior de seu público.

Continuando o processo, a tela foi então cortada, com a ajuda de um estilete, durante uma das práticas da pesquisa de campo. A atitude dos participantes foi gravada e em sua maioria foram contra o meu gesto, contrariando o ato de cortar a tela. Para eles isto iria destruir a tela, acabar com a beleza ali representada. Esta intervenção os afetou e também afetou valores que possuíam de arte. Para eles estava sendo doloroso ver aquela cena, ela era feia, pois segundo Umberto Eco (2007, p. 16) “[...] é feio aquilo que é repelente, horrendo, asqueroso, imundo, sujo, obsceno, repugnante, abominável [...]”. Aquela cena os repelia, pois afetava valores que possuíam sobre a arte, como também sobre aquela imagem e a beleza.

Figura 7: Imagem do corte da tela



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Figura 8: Tela cortada



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

O próximo passo foi então a montagem para os suportes que sustentariam os ferros. Este suporte foi feito com madeiras e fixado atrás da tela com dobradiças, neste processo contei com a ajuda e atenção de meu pai, que montou toda esta estrutura para mim.

Figura 9: Suporte de madeira para fixar os ferros



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Figura 10: Fixação das dobradiças



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

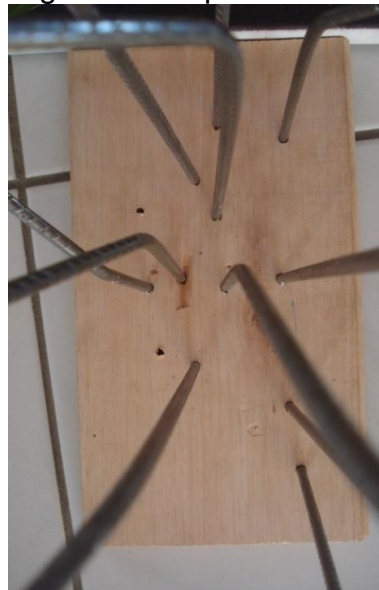
Anterior a fixação dos ferros no suporte apresentado, foi realizado um teste. Neste teste os ferros foram fixados em uma madeira móvel, para serem fixados ao suporte da tela somente no dia da montagem da exposição. Além disso, foi pensado na possibilidade de, com o transporte do trabalho montado, ocorrer afrouxe dos ferros, então para não correr riscos foi preferível confeccionar este suporte móvel. A etapa de fixação dos ferros à madeira, assim como os cortes deles, foi auxiliada por meu pai, que utilizou um cortador de ferros, uma furadeira, um martelo e um alicate.

Figura 11: Corte dos ferros



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Figura 12: Suporte móvel



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Os ferros utilizados possuem o tamanho de 12 metros de comprimento, onde foram cortadas duas barras de 4.2mm de espessura em vários tamanhos

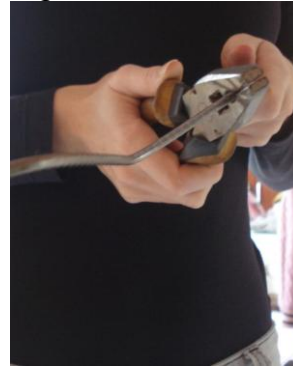
diferentes, sem auxílio de metro, pois a intenção era que não seguissem parâmetros ou regras no corte. Depois disso foram limpas, removendo parte da ferrugem e em seguida entortadas, para que dessem a impressão de terem forçado a tela ao rasgá-la. Este processo foi realizado por mim com o auxílio de um alicate.

Figura 13: Limpeza



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Figura 14: Entortando os ferros



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

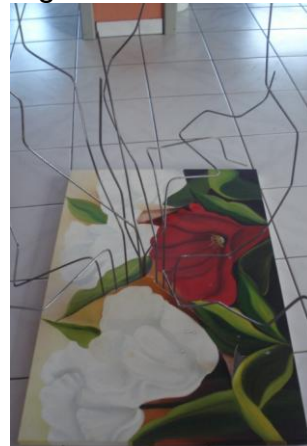
Após entortar os ferros e fixá-los ao suporte provisório de madeira, foram montadas as partes para visualização do resultado. Ressaltando que este suporte móvel não compõe a produção na exposição. Ele foi montado desta forma para que fosse possível o montar e desmontar da obra antes da exposição, sendo este o resultado apresentado para os participantes da pesquisa de campo. A produção final foi montada apenas no dia da exposição, sendo acrescentada a ela apenas alguns ferros nas laterais da tela e no chão, além de transferir os ferros do suporte móvel para o suporte fixo.

Figura 15: Suporte móvel e tela



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Figura 16: Tela montada



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

Em sua primeira exposição, *Ressignificando Valores*, permaneceu suspensa por arames em uma das paredes da Fundação Cultural de Criciúma, apresentado-se com afastamento médio de 10 centímetros da parede, para evitar referências à pintura.

Figura 17: Produção na exposição



Fonte: Halbertina Roecker Wiggers

6.1 RESSIGNIFICANDO VALORES: O CONCEITO

A produção artística intitulada *Ressignificando Valores*, se caracteriza como sendo uma instalação e esta, como prática artística contemporânea, nasce no período das experimentações, das vanguardas, e consiste na interdependência entre obra, espaço/tempo e público, questionando principalmente as práticas artísticas tradicionais (STOLF, 2007). O conceito de instalação que a autora apresenta se aproxima muito da ideia geradora desta produção, que questiona concepções de arte apresentadas ainda, no mundo contemporâneo, como sendo a arte única e soberana. Não questiona a prática da pintura como arte, mas o modo de ver e pensar das pessoas, como ela sendo a única forma de representação artística válida ainda hoje, em um mundo que busca todo tipo de suporte para a arte. Além disso, proponho que o público seja o grande formador de relações entre esta produção e os meios que os cercam, que possam apreciá-la e questionar valores e ideias de arte que possuem, para que estes sejam ressignificados.

A tela, nesta produção, representa o clássico e os ferros o contemporâneo, onde busca ultrapassar o campo de ser somente arte uma pintura em tela, adentrando os mais diversos campos da vida, adentrando o grande campo que é a arte contemporânea. Os ferros forçaram, rasgaram a tela como se fossem ideias de arte que precisam se libertar de determinados padrões, ideias fixas das pessoas e que necessitam se libertar, para que possam compreender a arte contemporânea e fruí-la livre de qualquer preconceito que possa existir, mas para isto é preciso atenção. Esta atenção vem de todos os momentos vivenciados, de todas as experiências e relações que possam se formar entre a produção e o mundo que cerca cada pessoa. Sendo que os ferros, dispostos no chão, representam uma pequena parcela do público que encontra-se livre destas ideias, destes padrões, de preconceitos que possam ter tido com relação a arte contemporânea.

A produção traz provocações ao público e é marcada por contrastes entre o clássico e o contemporâneo, o antes e o agora da arte. Apresenta duas visões, dois conceitos de arte que se opõem nas aparências, mas que aqui, na produção, se complementam. Provoações acerca do que muitos acreditam ser a arte soberana até os dias de hoje, entrando em contraponto com a arte que muitos desconsideram assim ser. Segundo Cauquelin (2005, p. 54) muito “[...] julga-se o presente pelos

padrões do tempo passado.” Por isto esta produção busca um outro olhar, um olhar contemporâneo para a arte que se produz no mundo de hoje.

Ela ainda busca afetar o público para o modo contemporâneo de criar e representar, afetando valores de arte que predominam até hoje onde, aparentemente, ela pode ser qualquer coisa, desde que transmita mensagens, tirando o peso de arte do próprio objeto (CAUQUELIN, 2005), onde este pode agradar ou desagradar olhares a sua volta. É a arte buscando o afastamento do real, refletindo o que diz respeito à vida, neste caso refletindo questões que dizem respeito a percepções acerca da minha vida. Retratando ainda que, assim como o mundo mudou, a arte também o fez e é esta passagem, do clássico para o contemporâneo, e tudo que diz respeito a ela, a essência da produção artística.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte, durante muito tempo, foi marcada por manifestações bem definidas como a pintura e a escultura. Estas, para serem consideradas como arte, deveriam seguir padrões impostos pelas academias e que incluíam regras de proporção, acabamento, unicidade e perfeição. É possível encontrarmos ainda hoje, no mundo contemporâneo, pessoas que não aceitam a arte contemporânea como arte, por estarem presas a estes padrões. Por notar que esta é uma realidade muito próxima a mim é que surgiu o interesse para esta pesquisa. Procurei então, no decorrer da mesma, compreender quais os pontos do passado e atuais que levam a ligação do que é arte à bela aparência, além de compreender se é possível sensibilizar e ressignificar conceitos de arte existentes, através de meu processo de criação artística.

Desde modo, foi possível perceber, através de estudos bibliográficos e da pesquisa de campo, que este estranhamento e não aceitação da arte no mundo contemporâneo é resultado de um longo período marcado por diversas mudanças na história da arte, além de uma falta de contato entre o público fruidor e a arte em si, pois desde quando ela passou a ser assim denominada sempre esteve ligada ao poder. O público que tinha contato com a arte era restrito, a arte era direcionada para pessoas com alto poder aquisitivo, excluindo quaisquer outras deste contato, onde a sociedade nem mesmo tinha conhecimento da existência de tais obras. De acordo com Peixoto (2003), diversos fatores foram determinantes para a mudança da arte e o afastando desta e seu público, sofrendo sempre com a influência do contexto social.

Com o desenvolvimento da arte e o passar dos tempos surge o período das experimentações, chamado de vanguardas, que acabou por afastar ainda mais o público da arte, pois as pessoas já não se sentiam capazes de compreender o que apreciavam. A diversidade das obras afastou o público das galerias e museus e foi fator determinante para a arte contemporânea, pondo esta em condição de total estranhamento para o público que não tivesse o mínimo de conhecimento sobre as mudanças ocorridas na arte e sobre ela própria, passando a considerar como arte apenas as manifestações artísticas agradáveis.

Esta pesquisa então procurou compreender melhor todos estes pontos, além de ter alcançado seu maior objetivo, que foi proporcionar, através da

concepção e desenvolvimento de uma instalação, a aproximação da arte e uma parcela de seu público em uma prática expositiva realizada por meio de uma pesquisa de campo e que trouxe bons resultados. Esta prática fez com que os valores de arte, deste pequeno público, fossem desconstruídos. Contribuindo também para apontar e atestar a importância do conhecimento na compreensão da arte contemporânea, para a ressignificação de valores, ideias e conceitos de arte que predominam em grande parte de seu público. Estes acabam fazendo a frequente ligação entre arte e o que é aparentemente belo e o que não é arte ao que é aparentemente feio e esquecem de procurar observar mais a fundo, buscando a essência além do que se pode visualizar, onde o belo encontra-se transcrito em sentimentos e emoções despertados, podendo estes serem positivos ou negativos.

A pesquisa de campo e bibliográfica ainda aponta que é possível, a partir de algum conhecimento, a ressignificação de valores da arte por seu público, como também possibilita um olhar mais amplo para ela, capaz de não se prender apenas na imagem projetada a sua frente, mas ir além, deixar os sentimentos e emoções falarem mais alto no momento da fruição de uma obra de arte, no momento de percepções acerca daquilo que se propõe a observar.

Com tudo isso, ainda me pergunto, será que este afastamento do público e da arte nos dias de hoje não significa também uma precária educação escolar? A partir de fatos abordados no decorrer da pesquisa é possível acreditar que sim, pois muitos dos participantes da pesquisa de campo afirmaram ter tido contato com a arte somente no período escolar e nele não terem conhecimento sobre a arte contemporânea. Por este motivo é que se nota uma visão limitada para a arte contemporânea, onde muito se prende a valores de arte do passado e devido a isto, acredito que grande parte da amenização deste estranhamento, como também do interesse pela arte, pode vir de uma educação escolar mais ampla e bem estruturada. Uma educação que promova aproximações da arte e, principalmente, da arte contemporânea com o público, para que as próximas gerações não se encontrem mais nesta condição e possam fruir a arte sem grandes dificuldades, além de apresentarem um interesse maior neste campo.

Por acreditar nisto é que não pretendo encerrar esta pesquisa por aqui, para mim ela é apenas o começo, que veio a despertar em mim novos interesses. Por acreditar que a educação escolar é fator determinante nesta aproximação da arte com o público, como venho buscando isto no decorrer da pesquisa, almejo

estender meus estudos à licenciatura em Artes Visuais e, a partir dele, poder levar estes pensamentos para práticas no ensino, a fim de possibilitar contatos maiores entre arte contemporânea e seu público, sendo este, iniciado na escola.

A escola é o local onde para muitos se encontra o único contato que terão com arte e é através deste contato mais intenso que acredito poder despertar e estimular o interesse frequente pela arte. Pretendo ainda, levar esta experiência de pesquisa a pessoas de locais com acesso limitado a este conhecimento que, assim como eu, não tiveram contatos maiores com arte no período escolar. Também tenho a pretensão que a produção artística, *Ressignificando Valores*, seja o início de uma trajetória de pesquisa na área da produção artística. E ficam ainda algumas provocações à mim e à você leitor: E seus valores quais são? Tem conceitos e preconceitos? Está pronto para desconstruir e ressignificar?

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. 2 ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1998. 256 p.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena História da arte**. 3. ed. Campinas, Sp: Papirus, 1989. 160 p.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 57 p.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 168 p.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2007. 77 p.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético**. 1ª. ed. São Paulo: Moderna Ltda, 1999. 111 p.

DANTO, Arthur C.. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. Sao Paulo: Odysseus, 2006. 294 p.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990. 120 p.

ECO, Umberto (Org.). **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007. 453 p.

_____. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 438 p.

_____. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 284 p. (Coleção debates)

FÉRAL, Josette. Performance e performatividade: o que são os *Performance Studies*?. In: Edélsio Mostaçõ; Isabel Orofino; Stephan Baumgartel; Vera Collaço (organizadores). **Sobre Performatividade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2009. 272 p.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 81 p.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins

Fontes, 1995. 1032 p.

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O Meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 15-35 p.

MICHAELIS: **dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008. 951 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 9-29 p. (Coleção temas sociais)

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 51-66 p. (Coleção temas sociais)

O DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. xxii, 138 p.

OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2006. 191 p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Imago, 1978. 187 p.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 246 p.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e grande público: a distância a ser extinta**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. 102 p.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 4. ed. São Paulo: Fapesp Annablume, 2009. 171 p.

SCHMIDLIN, Elaine. **Isto é arte?** São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006 (DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 128).

STOLF, Raquel. A instalação enquanto situação – Entre acontecimentos, proposições, inserções e outros desdobramentos. In: LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville: UNIVILLE, 2007. 76-85 p.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

A ARTE DE PENSAR. 10º ANO, VOLUME 02. Lisboa: Didactica Editora, 2008.
Disponível em: <http://www.aartedepensar.com/acetatos/capitulo12.pdf>. Acessado em: 14/04/2012.

SANTOS, Geraldo. **Isto é arte?**. São Paulo: Arte na escola, 1999. 1 DVD(12min): NTSC : son., color. (DVDteca Arte na Escola)

APÉNDICE(S)

APÊNDICE – A: Primeiro questionário. Este questionário foi dirigido a um grupo de pessoas e teve como principal objetivo a coleta de dados referente ao que estes compreendem com relação às artes.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO: ARTES VISUAIS - BACHARELADO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALUNA: HALBERTINA ROECKER WIGGERS

PREZADO SENHOR(A)

Venho por meio deste, solicitar sua colaboração para a realização do questionário que segue. Este questionário tem como finalidade obter informações acerca da arte e como ela é vista e entendida por cada um de vocês.

1. Explique qual a sua concepção de arte:

2. Escreva sobre o que você conhece acerca da arte, de obras e de artistas, e qual seu contato com os mesmos:

3. Você conhece a arte contemporânea? Qual seu entendimento?

4. Relate alguma experiência que teve com arte contemporânea e descreva qual sua impressão:

5. Das imagens a seguir, assinale quais você considera ser arte:

Baco – 1596 - Caravaggio



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Michelangelo_Caravaggio_007.jpg

Livro de Carne – 1978-1979 - Artur Barrio



Fonte: http://www.muvi.advant.com.br/artistas/a/artur_barrio/livro_de_carne.htm

Bicho (Caranguejo Duplo) – 1961 – Lygia Clark



Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/tridimensionalidade/arq/livro03.htm>

[] Davi - 1501-1504 - Michelangelo



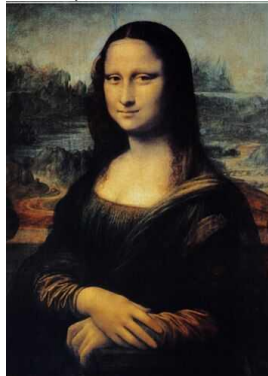
Fonte: <http://arteemerson.blogspot.com.br/2010/05/o-davi-de-michelangelo.html>

[] Figura 05: A Fonte - 1917 - Marcel Duchamp



Fonte: <http://adriarteetcetal.blogspot.com.br/2011/04/o-que-um-urinol-masculino-estaria.html>

[] A Gioconda (Mona Lisa) – 1503 -1506 – Leonardo da Vinci



Fonte: <http://monalisasecrets.com/images-mona-lisa/>

[] Figura 07: A maja nua – 1798 -1800 - Francisco de Goya



Fonte: <http://nanamada.blogspot.com.br/2011/03/o-olho-que-sorri.html>

[] Mãe e Criança – 2001 - Ron Mueck



Fonte: <http://eklektx.com/ron-mueck/>

[] Cachorro balão – Jeff Koons



Fonte: <http://www.nysocialdiary.com/node/475891>

[] Napoleão cruzando os Alpes – 1801- Jacques-Louis David



Fonte: <http://www.pimentanamuqueca.com.br/wp-content/uploads/vizir-e-napole%C3%A3o.jpg>

[] Crianças enforcadas - 2004 - Maurizio Cattelan



Fonte: <http://mauriziocattelan.altervista.org/FIG2.jpg>

[] Doze girassóis numa jarra – 1888 – Van Gogh



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vincent_Willem_van_Gogh_128.jpg

[] Píer espiral – 1970 – Robert Smithson



Fonte:

http://www.geminaliteratura.com.br/2009/artes_jose_aloise_bahia_dez09_2.htm

[] Sexo – 2003 – Jake e Dinos Chapman



Fonte: <http://another29.exblog.jp/5495670/>

Muito Obrigada por colaborar com a realização desta pesquisa!

APÊNDICE – B: Segundo questionário. Este questionário foi dirigido a um grupo de pessoas e teve como principal objetivo a coleta de dados referente ao que estes compreendem com relação às artes e suas impressões acerca da produção artística que lhes foi apresentada.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO: ARTES VISUAIS - BACHARELADO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALUNA: HALBERTINA ROECKER WIGGERS

PREZADO SENHOR(A)

Venho por meio deste, solicitar sua colaboração para a realização do questionário que segue. Este questionário tem como finalidade obter informações acerca da arte e como ela é vista e entendida por cada um de vocês.

1. Explique qual a sua concepção de arte:

2. Escreva sobre o que você conhece acerca da arte, de obras e de artistas, e qual seu contato com os mesmos:

3. Você conhece a arte contemporânea? Qual seu entendimento?

4. Relate alguma experiência que teve com arte contemporânea e descreva qual sua impressão:

5. Sobre a produção artística contemporânea que lhes foi apresentada, qual sua concepção?

Muito Obrigada por colaborar com a realização desta pesquisa!

APÊNDICE – C: Termo de consentimento.**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

Estamos realizando uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tem como tema **a experiência estética e os conceitos de arte**. O (a) sr(a). _____ foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como objetivo: **possibilitar, através da concepção e desenvolvimento de uma instalação, o conhecimento e compreensão da arte contemporânea, a partir de experiências que afetem os conceitos e preconceitos sobre arte.**

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Halbertina Roecker Wiggers da 8ª fase da Graduação em Artes Visuais - Bacharelado da UNESC e orientado pela professora Edite Volpato Fernandes.

Criciúma (SC) _____ de 2012.

Assinatura do Participante